



Jornal UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO
DA
UFPE

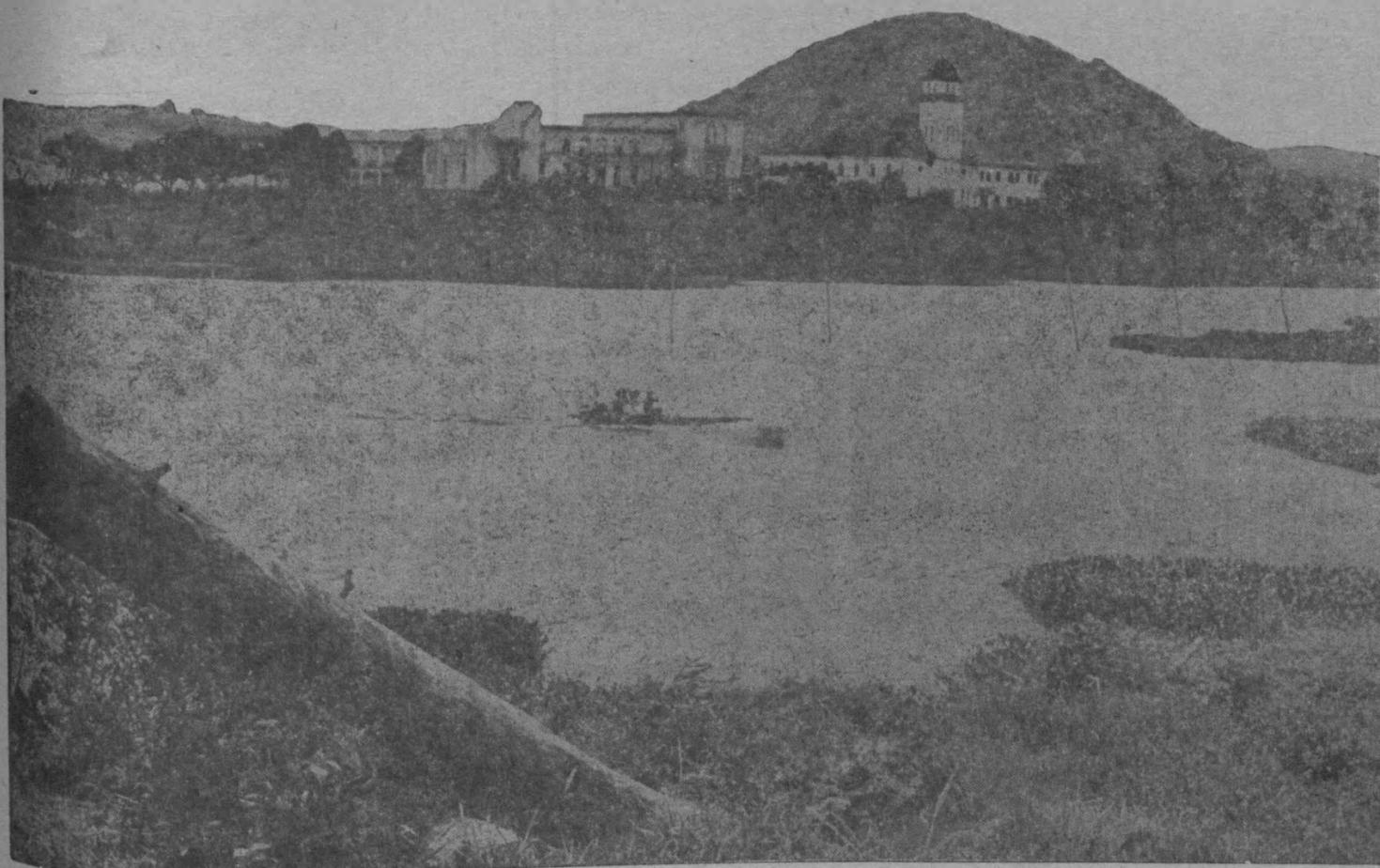
N.º 7

RECIFE — MARÇO — 1977

ANO IX

NATUREZA VIVE SEM INIMIGOS EM TAPACURÁ

A Estação Ecológica de Tapacurá significa o brado pernambucano contra a mutilação indiscriminada da flora e da fauna. Lá, vegetais e animais vivem tranquilamente, imunes à ação dos predadores humanos: os fiscais circulam diariamente para evitar a invasão do belo recanto, que conta com a orientação técnica e científica de especialistas em Ecologia, como o Professor Vasconcelos Sobrinho, um dos principais entusiastas da iniciativa. (Pág. 12)



Cardozo: a vida é mais misteriosa

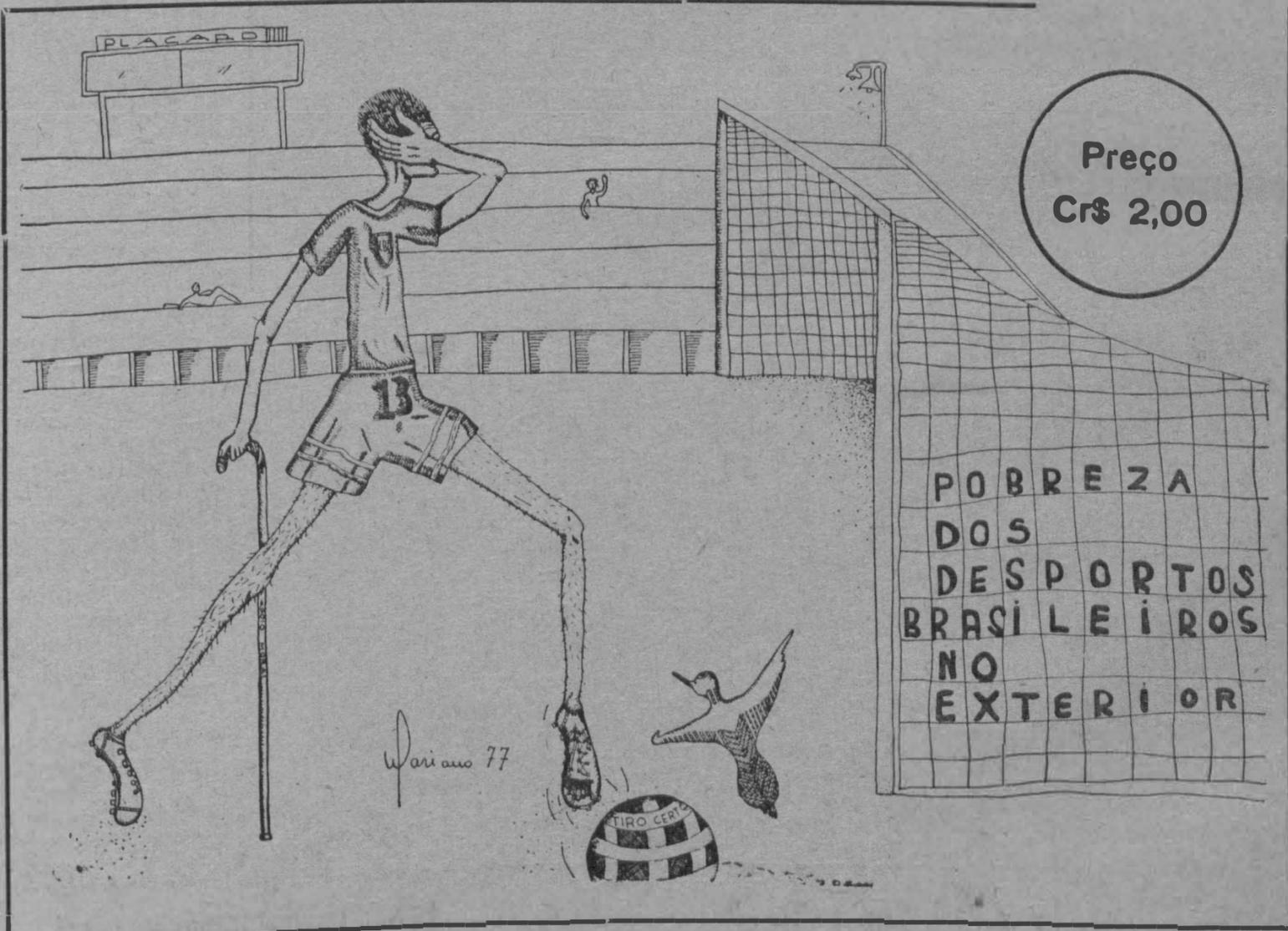


Joaquim Cardozo, um dos mais festejados poetas brasileiros da modernidade, fala aqui a respeito da poesia, do tempo, da amizade, da paz. E deixa transparecer a serenidade de um homem amparado por uma grande sabedoria — a sabedoria que o levou a cultivar desde a matemática até a poesia. Para ele, a vida reflete mais mistério do que a morte (Pág. 3 do Caderno Literário)

Brasil e África: um tema comum



Problemas comuns de dois continentes — África e América Latina — foram amplamente discutidos durante a 1.ª Jornada Afro-Brasileira de Medicina, na Universidade Federal de Pernambuco. Os cientistas e pesquisadores volveram até o cerne das deficiências — na maioria, de ordem sócio-econômica. Pronunciamentos de Gilberto Freyre e do Reitor Paulo Maciel, nas páginas 4 e 5.



Preço
Cr\$ 2,00

Pernambuco, aos olhos de Tollenare, em 1816

L. F. de Tollenare, francês, natural de Nantes, em 1816 empreendeu viagem a Portugal e ao Brasil, fazendo anotações sobre meio-ambiente, gente, hábitos, tradições, etc. Depois de uma curta estada em Portugal, veio a Pernambuco; aqui permaneceu até julho de 1817, assistindo a todas as peripécias da revolução daquele ano; foi então à Bahia, de onde regressou à Europa em princípios de 1818, após elaborar um manuscrito a que denominou de "Notas dominicais", sobre hábitos, pai-

sagens fatos e ambiências da gente daquela época. O livro faz parte do acervo da Biblioteca de Santa Geneveva, em Paris, do qual, somente um século mais tarde, chegou uma cópia ao Brasil.

Trata-se de uma obra rara, escrita por um estrangeiro, sobre o Brasil daquela época. É prefaciado, quanto à parte dedicada ao Brasil, especialmente a Pernambuco, pelo historiador Oliveira Lima, que salienta: "Constituem-se essas Notas, sem contestação, uma das mais

interessantes chegadas para o conhecimento que se vai formando vivo e luminoso, sobre depoimentos pessoais que se podem confrontar de um período ao qual nenhum outro da história pátria é superior em animação e importância, abrangendo para mais e mais espontânea a menos desorganizada e a mais simpática das nossas numerosas revoluções".

E continua Oliveira Lima: "A primeira impressão moral recebida por Tollenare em terra brasileira, que foi a da in-

dolência, ficou algum tanto corrigida com a visita a um engenho, cuja atividade agrícola e industrial, a qual descreve numa geórgica em prosa ainda agora de atualidade, o dispôs mais favoravelmente para a apreciação do caráter nacional".

Publicaremos, a partir desta edição do JORNAL UNIVERSITÁRIO, os principais tópicos do livro de L. F. de Tollenare, sobre Pernambuco, a começar das suas primeiras impressões, ao apontar, aqui:



(Busto pertencente à família)
L. F. Tollenare

No Recife de Pernambuco. — Domingo, 17 de novembro de 1816.

"Há 3 dias que me acho na cidade do Recife. Estes primeiros momentos foram consagrados às visitas de negócios e tive pouco ensejo de observar. Entretanto, experimento a sensação de um espetáculo todo novo; pouco a pouco irei me acostumando, mas também a impressão irá se enfraquecendo, por isso não farei mal em consigná-la aqui, salvo a retificar mais tarde o que um exame demasiado vago possa ter acarretado de inexacto.

Com auxílio da bela carta manuscrita que copiei em Lisboa, posso facilmente orientar-me aqui. Os três bairros da cidade do Recife, a saber, a península do Recife, propriamente dita, a ilha de Santo Antônio, os dois rios, e Boa Vista, sobre o Continente, apresentavam uma divisão muito natural e muito cômoda para a observação.

O bairro da península, ou o Recife propriamente dito, é o mais antigo e movimentado, e também o mais mal edificado e o menos asseado. A maior parte das janelas são guarnecidas de grades em toda a altura, as ruas são geralmente estreitas, as casas têm de dois a quatro andares com três janelas de fachada; são construídas de pedra, caiadas, exceto as molduras das portas e janelas que são de grés conchífero muito bem talhado. São somente as grades que lhes dão o aspecto tristonho que oferecem.

Há um movimento contínuo de negros que vêm e vão, carregando fardos e se animando mutuamente por meio de um canto simples e monótono.

Os negociantes, trajados à européia, se reúnem numa pequena praça defronte dum café onde conversam tranquilamente e não apresentam o aspecto animado de uma bolsa de comércio onde cada um se procura, troca duas palavras, deixa-se e vai rapidamente comunicar com uma outra pessoa. Parecem antes com os frequentadores habituais dos nossos passeios públicos.

As lojas estão sortidas de mercadorias da Inglaterra e da Índia; negras percorrem as ruas oferecendo à venda lenços e outras fazendas que trazem em cestos sobre a cabeça: os seus pregões se misturam aos cantos dos negros carregadores. Não se vê absolutamente mulheres brancas na rua.

Um pequeno mercado junto de uma igreja oferece à minha vista montões de raízes de mandioca, banana, ananases (abacaxis), cajus, mangas e laranjas. As vendeadoras, mui sucintamente vestidas, algumas de cachimbo ao queixo, preparam grosseiros manjares para o povo; a sua nudez não é atraente, a algumas, porém, não falta graça e elegância nos movimentos.

Grupos de negros de todas as idades e de todos os sexos, vestidos de uma simples tanga, acham-se expostos à venda diante dos armazéns. Estes desgraçados estão acorados no chão e mastigam com indiferença pedaços de cana que lhes dão os compatriotas cativos que encontram aqui. Grande número dentre eles padece de moléstias de pele e está coberto de pústulas repugnantes.

Entre eles vê-se homens cuja fisionomia é ainda ativa ou feroz; dir-se-ia que, mordendo o freio a tre-

mer, cogitam dos meios de se libertarem; mas, isto não passa, talvez, de uma ilusão, porquanto não se percebe precaução alguma tomada contra as tentativas que possam fazer; todos não têm este aspecto inquietador. Vi negros muitos calmos e muito submissos; é um espetáculo deveras singular ver esses grandes latagões musculosos ocupados a fiar algodão no fuso: é Hercules em casa de Omfale. As mulheres adultas são expostas sem véus; não parecem sofrer nem gemer; entretanto algumas amamentam crianças nuas: para a mãe e para o filho nunca há mais do que uma tanga. As raparigas conservam os contornos graciosos da adolescência; a cor preta em pouco prejudica o encanto das suas gargantas de Hébe e dos seus seios túmidos; aos seus olhos não falece uma certa expressão voluptuosa e traduzem com ingênua timidez o desejo de serem compradas por quem as observa com mais interesse; os negrinhos brincam entre si como macaquinhos, aos quais muito se assemelham nos movimentos. Nas suas brincadeiras com as negrinhas, a tanga cai frequentemente sem que isto chame a atenção dos transeuntes. O aspecto geral não apresenta nem prantos, nem gritos, nem desespero; entretanto o estrangeiro que acaba de desembarcar não pode se furtar a um sentimento penoso, que lhe causa em primeiro lugar a vista da escravidão, e em segundo o cheiro desagradável que se desprende desta população de cativos.

A ilha de Santo Antônio, à qual dá acesso uma ponte arruinada de ... pés de comprimento e guarnecida de ambos os lados de pequenas lojas, têm ruas um pouco mais largas do que as do Recife. Encontra-se ali uma praça quadrada, onde estão construindo um mercado coberto, que será de muito bom gosto. Os armazéns parecem destinados mais ao comércio a retalho: há muitos comestíveis, como bacalhau, queijos flamengos, biscoitos etc., vê-se também muitas lojas de ourives que expõem jóias maciças, ricas e de gosto bizarro, estrelas marinhas de prata, etc.

À direita da ponte vê-se o erário que ocupa um pequeno edifício, outrora parte do palácio construído por Maurício de Nassau e destruído há uns trinta anos. Perto dali acha-se também a prisão, vizinha de uma casa de aspecto bastante mesquinho a que chamam de sala de espetáculo. As representações acham-se interrompidas por causa do luto da rainha. À esquerda da ponte está o palácio do governador, que é um antigo colégio de jesuítas sem nenhuma aparência. Das janelas de detrás tem-se um belo golpe de vista.

Cinco sextos das casas de Santo Antônio têm apenas um pavimento térreo: só em volta da praça e em algumas das ruas principais é que se encontram casas elevadas como as do Recife. As casas térreas têm janelas, mas sem vidraças: em seu lugar há uns caixilhos gradeados de madeira; estes caixilhos têm duas charneiras na parte superior; levanta-se a parte inferior para olhar a rua e quando a pessoa se retira o caixilho volta ao seu lugar por efeito do próprio peso.

Este bairro é habitado por muitos brasileiros brancos natos, e mulatos e negros livres. Encontram-

-se ali várias bonitas igrejas e conventos entre os quais um de capuchinhos italianos.

Quando se lança o olhar no interior destas casas baixas de Santo Antônio e Boa Vista, vê-se as mulheres brasileiras semi-nuas, acoradas ou deitadas sobre esteiras. Estas mulheres quase nada deixam a desejar à curiosidade libertina; mas, também nada oferecem de muito sedutor. A mobília, que parece consistir apenas numa rede, algumas esteiras e uns poucos de vasos de barro, anuncia a miséria e a imundice; frequentemente também vê-se as mulheres ocupadas em fazer renda, e esta indústria as desculpa aos meus olhos de muitas das censuras que se lhes faz.

O bairro da Boa Vista, sobre o Continente, é mais alegre e mais moderno. As ruas e as calçadas são ali mais largas, tem algumas casas bonitas habitadas por gente rica, mas que não pertencem ao comércio porquanto quase todos os negociantes moram no Recife. Deixando a rua principal segue-se outras igualmente retas e guarnecidas de calçadas, mas que são margeadas apenas de casinhas de um só pavimento; estas ruas conduzem a considerável distância no campo e às casas de recreio. Posso andar durante uma hora, a partir do Recife, sem chegar ao campo. Estas casinhas são asilo dos creoulos e dos negros livres; as grades são nelas menos cuidadosamente fechadas do que na ilha de Santo Antônio, e eu poderia provavelmente melhor adivinhar os hábitos e as maneiras dos habitantes. Vejo nelas sem dúvida muitas vezes a librê da preguiça; mas, descubro também a almofada de fazer renda; resta apenas saber qual o uso que dela fazem.

A ponte que conduz de Santo Antônio à Boa Vista serve de passeio durante as belas noites deste clima; é guarnecida de bancos; o panorama que dali se descortina é encantador; ao norte vê-se a cidade e os pitorescos oiteiros de Olinda; ao sul o Rio Capibaribe, o aterro dos Afogados e também o oceano; canoas indígenas, escavadas num só tronco de árvore, conduzidas por negros nus e munidos de compridas varas, cruzam-se em todos os sentidos sobre as águas mansas do rio; no horizonte de ligeiras jangadas, com as velas triangulares, são os joguetes das ondas agitadas.

Este rio, que na ponte da Boa Vista não tem menos de 100 a 120 toesas de largura, não é nem o Capibaribe e nem o Beberibe, que são dois rios muito pouco consideráveis; mas, a confluência de ambos aumentada pelas águas do mar que vai inundar os mangues pantanosos.

Louvação do Recife

Louvo o teu gênio antigo. Tua alma heróica,
O teu gesto guerreiro, que parece enfrentar ainda
Os holandeses que vêm chegando. Pois que cheguem

E tragam tudo, o Observatório, os Palácios,
O boi voando para distrair o povo.
Tu tens mais do que isso: — tens tua alma
A tua saga, o teu destino, o teu amor
E és mais do que Recife, muitos Recifes
Que cada um tem e quis e amou.

Todos se chegam a ti, vida de pescadores
Que pescaram corações e mistérios.
Ainda estão nas ruas

As tuas revoluções, os teus motins,
Os gestos de grandeza, as loucuras,
Nabuco falando, Castro Alves recitando,
Tobias celebrando

A liturgia das coisas novas,
José Mariano libertando escravos,
D. Olegarilha escondendo proscritos.
Dom Vital preso na Soledade!

Que é tudo isso, Recife antigo,
Senão o Recife de hoje, de sempre,
O Recife antigo, de gênio antigo,
Há 150 anos Capital.

Todos temos 150 anos, por que não?
Esta cidade é mágica, meio bruxa
Enfeitiçada, quebranta, tira as forças.
Mas foi ela, a desejada, a Dulcinéia,
que nos fez cavaleiros.

A Faculdade foi a Catedral
Para a vigília do cavaleiro armado.
O peregrino audaz, o exilado,
Que se exilou por vontade,
Ali recebeu o gládio, a armadura
E a herança dos sonhos já vividos.
Louvo esta cidade que prolonga
Outra cidade, outro vale, outra Igreja,
Outros heróis, outros silêncios,
Outras contemplações, outros gênios,
Outras almas, outras vibrações,

NILO PEREIRA

Outras saudades.
Cidade feita de tantas cidades,
Tu recolhes sonhos, ambições, desvarios
E no teu rio "um cão sem pluma",
Depositais os teus segredos, as tuas vozes,
Porque és também cidade submersa,
Como aquelas que nunca vieram à tona,
E por isso foram cidades eternas.
Teu feitiço vem todo do que está no ar,
Nas lutas, nas vitórias, nas derrotas.
Aqueles "heróis antigos",
De que fala Joaquim Cardozo, teu poeta,
Andam conosco pelos Guararapes, pelas fortalezas,

Pelas praias, pelas noites de perigo,
Velando a solidão da tua glória.
Eu te louvo, sempre te louvei.
E te dou o bem querer do exilado,
Devoto de dois mundos,
Ceará-Mirim-Recife — um mundo só.

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Lafayette Bezerra
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedetto de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Pró-Reitor de Apoio Administrativo	Rubens de Souza
Chefe de Gabinete	Eduardo Cabral de Melo
Relações Públicas	Miguel Otávio de Melo Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero
	Ângelo Montelro
	José Carlos Targino
	Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

Sobre o Jornal Universitário

Palhares Moreira Reis

Foi nos tempos do reitorado de Murilo Guimarães que se resolveu substituir o "Boletim Universitário" por um veículo mais dinâmico de informação sobre a, então denominada, Universidade do Recife. Nos tempos de Joaquim Amador, não existia nenhum órgão permanente de divulgação da Universidade como um todo, porém de vez em quando surgiam plaquetes e revistas comemorativas de determinados eventos. Neste particular, está a que reúne os discursos proferidos na cerimônia de entrega do título de Professor Honoris Causa a Ernesto de Souza Campos, o ministro-fundador da maior parte das Universidades brasileiras, inclusive a nossa. Ou que registra o décimo aniversário da instituição, e as festividades realizadas em 1956 para comemorá-lo.

No reitorado de João Alfredo, foi que o SEC (Serviço de Extensão Cultural) começou a editar o Boletim Informativo. Documento que se prolongou durante um bom período do reitorado de Murilo Guimarães, porém sem periodicidade certa. E reunia informações gerais com outras, de caráter nitidamente administrativo, como atos relativos à administração de pessoal, sem interesse extra-muros.

Com a determinação legal de que os atos de pessoal, exceto os de provimento e vacância, nas autarquias federais, fossem divulgados em Boletim da própria instituição, foi criado o "Boletim Oficial", de publicação quinzenal, e onde estavam obrigatoriamente veiculados os atos de Administração do pessoal, e também os da administração geral e as decisões dos colegiados superiores da instituição.

Nesta mesma época surgiu o "Jornal Universitário", que pretendia ser o veículo escrito de comunicação entre a Universidade e a comunidade, em substituição ao Boletim.

Sua editoração cabia ao DEC (nova sigla para o antigo órgão), porém a atividade sempre teve dois grandes entraves. Primeiro, sempre foi um veículo privado do grupo dominante na

quele setor da Universidade. Os não-ungidos dificilmente publicariam alguma coisa, ou veriam seus trabalhos ali divulgados. E também, sempre saiu com bastante atraso. As notícias chegavam aos leitores velhas de alguns meses. Para evitar o descompasso, certa vez chegou-se mesmo a emendar o Jornal já paginado, de modo que o número de agosto trouxe as reportagens sobre a "Semana da Pátria", porque só circulou em outubro. Assim foi até o término do período de Marconilo Lins e início do Reitorado Paulo Maciel.

Agora, o DEIC (terceira sigla para o órgão de extensão cultural), dá uma nova feição ao "Jornal Universitário". Continua mensal, porém vem cumprindo a periodicidade, eis que já circulou o número de janeiro deste ano.

O trabalho é mais movimentado, mais aberto. A paginação é mais dinâmica, e tem mais apelo visual. Trata de assuntos os mais variados possíveis, e com a preocupação de dosar as informações sobre as áreas da atuação universitária. Os problemas acadêmicos e da pesquisa ou da pós-graduação. A Universidade voltada para a comunidade. E, paralelamente, o reflexo da comunidade na Universidade.

Não tem mais o toque do "culto da personalidade", e vem com discretas referências à obra e a atuação do reitor Paulo Maciel. O seu Caderno Literário está a permitir a participação dos novos, entre professores e estudantes, que talvez noutras circunstâncias não vissem seus trabalhos publicados.

Outro aspecto importante é a divulgação de trabalhos de alunos mostrando (muitos deles professores da própria Universidade), que desde já chegam ao conhecimento da própria comunidade de mestres e alunos, permitindo a todos a avaliação deste campo, que vem merecendo especial ênfase por parte das autoridades educacionais brasileiras: o aprimoramento do docente de nível superior aqui mesmo em nosso país.

PERSPECTIVA

ROBERTO AGUIAR

Os liberais

Este é o país dos liberais. Das mais diversas crenças e nas mais diversas posições, todo mundo é liberal. No Brasil, o negócio é ser liberal. Há os liberais de direita e os progressistas liberais. Há os ortodoxos liberais e os liberais ortodoxos. Existe até comunista liberal. Todo mundo é liberal. Quem quiser ser bem olhado, é só se chamar de liberal. A fórmula não erra. Violenta a gramática. Mas, esta é outra história.

Dizem que o Papa Paulo VI, quando tomou conhecimento do discurso de um Chefe de Estado sobre a democracia totalitária, mandou vasculhar todas as bibliotecas do Vaticano para saber quais os fundamentos desta invenção política. Democracia totalitária, é fogo... Creio que, se tivesse conhecimento do modo pelo qual a palavra liberal é usada no Brasil, o Papa mandaria realizar outra busca. Não há escapatória: ou liberal está sendo usado para significar o oposto, ou a História está dando uma volta de cento e oitenta graus.

A favor da segunda hipótese muitas coisas poderão ser alegadas. Afinal, Friedman é Prêmio Nobel de Economia. Mas, por mais que queiram alguns homens, não podemos acreditar que estamos no Século XIX. Armstrong pisou na Lua e Júlio Verne já foi sepultado. Ninguém discute. Trata-se, portanto, de uma inversão do significado da palavra liberal.

Eis um grande prato para os lingüistas: a palavra liberal mudou de significado? Qual o significado? Aliás, esta história de Lingüística me faz lembrar Górgias. Sim, a Retórica é a maior das Ciências porque pode convencer melhor à massa. A verdade, afinal, é uma simples questão de forma. Ou de fórmula: adjetivos antes dos substantivos, significado multiplicado por significante, etc. E, para completar, Górgias também foi liberal.

Não creio em homens comprometidos com os meios. Os técnicos e os liberais nada querem, além de um jeitoinho mais frouxo, mais cômodo, de fazer as coisas. Sei que os fins, têm justificando os meios. Mas, para mim a questão é outra: os fins devem, sempre, justificar os meios? Não afrontar esta questão, é precisamente, ser liberal. E isto não é um problema de Retórica. É histórico.

Os sofistas foram renovadores, apesar de suas detestáveis filosofias. Homens da cidade. Cidadãos livres. Sorvedores da cultura e do clima das cidades, podiam submeter os mais antigos com relativa facilidade. Estes, no máximo, eram uns cidadãos de origens rurais. Andavam mais rápidos por baixo de árvores que sob as pedras de entre as muralhas. Acho ser necessário aprender com os sofistas para compreender os liberais.

Apesar dos pesares, ainda sou dos que acredito que os momentos danados da humanidade foram, relativamente, poucos. Refiro-me, é claro, aos momentos em que Satan atingiu o orgasmo com as belezinhas que andávamos fazendo por aqui. Coisas assim como a Bomba Atômica em Hiroxima, o Vietnã, a perseguição nazista aos judeus, a Inquisição, a Diáspora, torturas e assassinatos políticos, a livre adoção do aborto e danções desta ordem. Não incluo o assassinato de Cristo porque acho que Demo, na ocasião, estava morrendo de medo. Três dias e... acabou-se, estava, eternamente, perdido. Afora esses atos, creio que se pode retirar alguma coisa de bom, de tudo que já aconteceu na História dos Homens. Perdoem-me o liberalismo...

A sofistica, com tudo de ruim que tinha, legou à Humanidade uma forma mais racional, talvez mais amigável, de conviver na urbs. O diabo, é de que coisa mais lembrada dos sofistas é o seu espírito negativo: ceticismo, relativismo, cinismos e coisas desta laia.

Está no tempo de se deixar de lado a crença de que cada um decifra e constitui a verdade. A verdade é do singular. Repugna o plural. Ou seja, não há vez para um liberalismo econômico, político, ético e estético, porque existe uma ordem das coisas. A grandeza do liberalismo, refiro-me ao espírito liberal, é ser uma atitude crítica constituidora de um momento histórico de negação. De negação e não de negativismo. Isto é, o espírito liberal, com as ferramentas da crítica, pode-se constituir numa das forças antecipadoras de uma síntese histórica.

No Brasil, caso ponhamos um pouco de boa vontade no espírito, talvez encontremos, no uso da palavra liberal, precisamente este sentido: uma negação que busca afinar. Algo parecido com o que fizeram os iluministas na França. Sei que é queirer demais imaginar liberais brasileiros à moda de Grecia e França. Ao estilo inglês, nem cogito. Mas, as coisas aqui andam tão pretas, que a gente é capaz de acreditar em liberais, e em liberais brasileiros. Acima de tudo é preciso encontrar uma forma mais racional, mais amigável, mais frouxa mesmo, de conviver. É preciso liberar do político ao estético, do carnavalesco à economia... (Não pensem que foi livre associação).

Eu por mim, já mandei fazer minha fantasia de sociólogo liberal. Sapato tênis, calça Lee, camisa de mangas compridas, boné inglês, jaqueta e cachimbo tcheco. Na altura do peito esquerdo, mandei bordar a inscrição: sociólogo liberal. Embaixo, junto do cinto, que é largo, está escrito: Made In Recife.

Uma Faculdade sexagenária sem teto

Prof. José Barbosa de Oliveira Filho

Há 65 anos atrás, surgiu a idéia de fundação da Faculdade de Odontologia da Federal, graças ao entusiasmo de João Paulo de Campos, Nelson de Albuquerque Melo e Epitácio Monteiro Pessoa.

Naturalmente outros teriam que apoiar a idéia, daí então é que se juntaram aos primeiros. Frederico Cúrio, Gilberto Fraga Rocha, Antônio Tavares Honorato e José Farias Neves e Antônio de Fraga Rocha. No dia 14 de janeiro de 1913, na Rua do Hospício n.º 3, 1.ª (sede), Ascanio de Guimarães Peixoto, presidiu a Sessão de Fundação da então chamada Escola de Odontologia de Pernambuco, hoje Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco. A reunião foi realizada na Sociedade de Medicina de Pernambuco e nela compareceram os seguintes professores: Epitácio Monteiro Pessoa que serviu de Secretário, Frederico Cúrio, Ascanio Peixoto, Gilberto Fraga Rocha, Antônio Tavares Honorato, José Farias Neves, Nelson de Albuquerque Melo, Antônio Fraga Rocha e João Pinto de Campos.

Surgiu o problema da realização das aulas práticas, que dependiam de equipamentos apropriados. Foi sugerida abertura imediata de uma subscrição para tal fim, porém o Professor João Pinto de Campos prontificou-se a ministrar as referidas aulas no seu próprio consultório.

O vestibular daquela época, chamado Exame de Admissão, teve lugar de 10 a 25 de março e no dia 12 de maio de 1913 foi iniciado o Curso no Ginásio Pernambucano (2.ª sede).

Porém por força das circunstâncias, a Escola de Odontologia teve que se mudar para a Escola Politécnica, no Largo do Hospício (3.ª sede) e posteriormente para Avenida Riachuelo, (4.ª sede), desta feita com um austero Salão Nobre para congregação, Secretaria, Biblioteca e um Gabinete de Clínica Odontológica, com gerador de eletricidade própria que somente em 1921 passou a funcionar com a Pernambuco Tramways.

Na época, o corpo docente era constituído dos seguintes professores: Anatomia, Prof. Frederico Cúrio; Fisiologia Dentária, Prof. Gilberto Fraga Rocha; Histologia da boca e anexos, Prof. João Rodrigues de Souza; Prótese Dentária I e II parte, Prof. João Pinto de Campos, Clínica e higiene Dentária I e II parte, Prof. Antônio Fraga Rocha; Anatomia Médico-cirúrgica da boca e anexos, Prof. Augusto Chacoi; Terapêutica e arte de formular, Prof. Ascanio Peixoto; Noções de Patologia Geral, Prof. Patologia dentária e estomatologia, Prof. Nelson de Melo e posteriormente a cadeira de Técnica Odontológica foi ocupada por Carlos Marinho de Souza.

Em 1915, houve a primeira colação de grau e o Prof. Frederico Cúrio já investido no cargo de Diretor, chamou o primeiro odontólogo e orador da turma, Américo Teixeira de Magalhães que ofereceu a Escola o Retrato do paraninfo, Prof. Antonio Fraga Rocha.

Foram os seguintes os novos cirurgiões dentistas: Fideíssimo Pascoal Ornelas da Fonseca, João de Holanda Cavalcanti, Artur da Silva Cabral, Aristóteles Pedro Bezerra de Menezes e Noemio da Rocha Ferraz.

Com a fundação da Faculdade de Medicina, a Odontologia passou a fazer parte integrante do seu currículo, na qualidade de Escolas Anexas juntamente com Farmácia. Passou então o Curso Odontológico a ocupar sua 5.ª sede no Prédio de Medicina no Derbi.

Ai permaneceu por longos anos, até que Medicina foi transferida para a Cidade Universitária, no Engenho do Meio e a Faculdade de Odontologia tinha se tornado Curso independente através de Ato do Governo Federal.

Surgiu um grande problema para Odontologia; o prédio de Medicina do Derbi, tinha sido prometido pelo Reitor Amazonas, ao General Lotte, para instalação do Colégio Militar.

O Prof. Fraga Rocha, na direção da Faculdade, conseguiu autorização para alugar um prédio na Rua Fernandes Vieira N.º 600, sendo esta a 6.ª sede da Faculdade de Odontologia que apesar de sua idade ainda estava provisoriamente instalada.

O prédio não oferecia condições para expansão, daí as disciplinas terem sido instaladas precariamente. Surgiu a oportunidade de ser transferida para Rua Henrique Dias, 7.ª sede, no prédio do antigo Instituto Osório de Almeida. Vários anos se passaram e a Faculdade foi severamente atingida pelas enchentes de 1965, 1966, 1970 e 1975, provocando consequências desastrosas, não só no que diz respeito aos equipamentos como também no material de ensino.

O Governo Federal, através do Sr. Ministro de Educação Ney Braga, tomou providências para transferência da Faculdade de Odontologia para Cidade Universitária.

O Reitor Paulo Maciel providenciou de imediato a mudança da Faculdade de Odontologia para o Instituto Básico, 8.ª sede provisória, e os seus professores esperam que desta 8.ª morada, a Odontologia tenha sua sede definitiva no Bloco do Centro de Ciências da Saúde que deve ficar pronto dentro de 3 anos.

Gilberto Freyre diz que Brasil compreende o moderno africano

— Será uma forma efetiva para uma maior aproximação entre esses países e para uma maior articulação, não só de suas economias, como de seus saberes, de suas experiências, de suas pesquisas em torno dos problemas comuns em Medicina Tropical e Nutrição —, declarou o sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre, inaugurando a I Jornada Afro-Brasileira de Medicina Tropical e Nutrição, realizada em Recife entre os dias 6 e 10 de fevereiro, numa promoção da Universidade Federal de Pernambuco.

Para o Mestre de Apipucos, que tem o máximo interesse pela Tropicologia, a África é, na sua maioria, um conjunto de nações fraternas. E assegura que semelhante convicção é alimentada pela totalidade do povo brasileiro. Enfim, depois de estabelecer alguns paralelos entre as características africanas e brasileiras, Freyre garante que esta colorização resiste sob base cientificamente biológica tanto quanto cientificamente social.

— Sobre essas bases, raro será o brasileiro de hoje que, descendente ou não do negro africano, não se orgulhe dessa presença na função do Brasil. Esta é, de fato, a atitude mais caracteristicamente brasileira com relação à África, compreendendo-se ser o Brasil a nação americana, dentre as de maior porte, mais em situação de compreender o moderno africano e a moderna África —, concluiu o autor de Casa Grande & Senzala.

Intercâmbios

Nada mais salutar do que o contato entre médicos africanos e brasileiros. Aliás, semelhante contato nunca foi desprezível. Agora, porém, ele tende a se tornar cada vez mais interessante e abrangente. Já como decorrência do encontro entre médicos africanos e brasileiros, veio à luz uma idéia relacionada com a criação de uma Associação Afro-Brasileira de Medicina Tropical e Nutrição. A Associação, fundada no último dia do encontro, tem como objetivo principal aumentar e incentivar o intercâmbio científico afro-brasileiro, estreitando ainda mais os laços de amizade que



ligam o Brasil ao Continente Negro. Seu presidente, já escolhido, será o professor paranaense Miroslau Constante Baranski. Para elaborar os estatutos e registrar juridicamente a Associação, foi eleita uma comissão composta por três brasileiros e dois africanos. Entre os brasileiros, os professores Rui João Marques, de Pernambuco, Jayme Neves, de Minas Gerais, e Miroslau Constante, do Paraná, e entre os africanos os eminentes Olufem Williams e Adewzle Omolulu, ambos da Nigéria.

Mas a Associação ainda está imbuída de outras finalidades. Ela pretende manter intercâmbio entre alunos, graduados, residentes médicos, mestrandos e professores. Efetuará reunião de três em três anos, sendo que a próxima será na Nigéria, na cidade de Ibadan.

Carência alimentar

Numa das mais instrutivas palestras da reunião, Bertholdo Kruse — diretor do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN) — chamou a atenção dos presentes para a extrema necessidade de alimentos em quantidade, qualidade e composição a fim de atender as exigências nutricionais de toda a população. De fato, o

problema da fome é um dos mais graves com que o mundo se defronta na atualidade. Earl Butz, que foi ministro da Agricultura do ex-presidente Gerald Ford, aludiu à fome como sendo “um espectro monstruoso a rondar milhões de estômagos pelo mundo afora” — o que não o impediu de assegurar que os Estados Unidos são o celeiro do mundo.

Kruse está preocupado com o problema alimentar no Brasil. Ele deseja que os alimentos sejam acessíveis ao consumidor e em condições para a compra. Espera que a população tenha capacidade de compra e condições culturais e educativas para reconhecer os que mais necessita e que, ao mesmo tempo, tenha condições médico-sanitárias de aproveitá-los biologicamente.

Esquistossomose: 10%

Ao falar sobre o estado nutricional da população nordestina e os casos graves de esquistossomose aqui registrados, a professora Eridan Coutinho — do Departamento de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco — afirmou que pesquisas efetuadas chegaram à conclusão de que o problema da desnutrição é que deve ser abordado com mais atenção,

já que supera em muito os casos graves de esquistossomose que vitimam o nordestino e cuja incidência não vai além de 10% da população.

Mas Eridan Coutinho reconhece, porém, que a má alimentação é fator decisivo para o surgimento da esquistossomose. E até mesmo a baixa porcentagem de incidência da doença não deve tranquilizar os espíritos, pois o ideal seria a erradicação completa do mal.

Câncer nigeriano

O dr. Olufem Williams — professor de Patologia na Universidade de Ibadan, na Nigéria — revelou que a maior incidência de câncer, na África, é sobretudo do tipo cérvico-uterino. Disse que em seu país estão sendo concretizadas várias e importantes pesquisas sobre o assunto.

Mas a conferência do nigeriano — sob o título “Câncer em Regiões Tropicais” — foi seguida de uma outra, pronunciada pelo professor Adonis Carvalho, da Universidade Federal de Pernambuco, que, se não a refutou em seus princípios básicos, pelo menos trouxe mais alguns subsídios relevantes sobre o assunto.

Adonis Carvalho não acredita na existência de doenças tro-

picas. Para ele, tais doenças são próprias apenas dos países subdesenvolvidos, e geralmente provocadas pelas péssimas condições sócio-econômicas a eles inerentes. Carvalho alega que nos países subdesenvolvidos a incidência de câncer é menor do que nos países desenvolvidos.

Revelou que existe uma peculiaridade de distribuição das doenças, entre as quais o câncer, intimamente relacionada com a composição da população por idade. De fato, nos países desenvolvidos a população tem maioria constituída por pessoas de idade madura — ou velhos —, e tais pessoas são sempre mais sujeitas ao câncer. Do outro lado, ou seja, do lado dos países subdesenvolvidos, há predominância de população com menos de 15 anos de idade, portanto, menos propensa ao câncer.

Pesquisas

Carvalho acentuou que as pesquisas efetuadas no Instituto de Câncer de Pernambuco revelaram que, corrigindo os dados brutos da incidência do câncer por cada grupo etário, quer dizer, pela composição da população por idade, verificou-se que a frequência do câncer neste setor é igual à dos países desenvolvidos — como a

Inglaterra, Estados Unidos, República Federal da Alemanha, etc.

Quanto aos tipos de câncer, não se pode dizer que haja tipos característicos dos tropicais, pois se a incidência do câncer do colo uterino é altíssima na Colômbia, que é um país tropical, é também no Brasil. Contudo, é bem mais baixa na Nigéria, que é também um país tropical. Na Europa Central há regiões com alta frequência, como a Macedônia.

Quanto aos linfomas malignos, diz o professor Carvalho, o comportamento da doença no Recife é muito semelhante ao que se registra nos Estados Unidos. Na África, no entanto, não se registra idêntica situação.

Urbanização

Adonis Carvalho garante que a simples urbanização do paciente é suficiente, muitas vezes, para diminuir a incidência de certos tipos de câncer — o que vem provar as causas de origem sócio-econômica. “Estudos realizados no Recife provam que algumas formas de câncer, como as do colo uterino e do pênis, experimentam acentuada redução de frequência pela simples urbanização do paciente”, concluiu o professor Carvalho.

REITOR

Brasil e África, um só espelho

Ao saudar os participantes do Congresso Afro-Brasileiro de Medicina, promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE, sob a coordenação do Professor Ruy João Marques, o Reitor Paulo Maciel salientou que, "nós brasileiros, nos espelhamos em África, mais do que todos os outros da Latino América, e sabemos que esta posição é, ou deve ser, recíproca".

NA ÍNTEGRA, O PRONUNCIAMENTO DO PROFESSOR PAULO MACIEL:

"Senhor Professor Gilberto Freyre, representante do Sr. Ministro da Educação; Sr. Vice-Reitor, Prof. Geraldo Lafayette; Sr. Vellozo Costa, Secretário de Saúde e representante do Sr. Governador do Estado; Sr. Prof. Ruy João Marques, Idealizador e Coordenador Geral desta "I Jornada"; Sra. Secretária; Srs. Reitores; Srs. Cônsules; Srs. representantes de autoridades militares; Srs. representantes das Sociedades Médicas e de Nutrição; da Secretaria de Saúde da Prefeitura; todos considerados, desde o início, participantes da "I Jornada Afro-Brasileira de Medicina Tropical e Nutrição":

Apresento-lhes as minhas saudações, que são as melhores saudações, saudações amigas e fraternas. Aos brasileiros, que aqui estão, nada preciso acrescentar, pois esta casa foi sempre deles. Cumpra-se apenas uma rotina de intercurso, de informações e de conhecimentos, desses vários Brasis para tentar, ao final, a unidade de uma política científica ou de uma outra Política maior. Quero, pois, dirigir-me, especialmente, aos representantes Africanos que aqui estão e que transmitirão a outros



retardados, pela aviação no Aeroporto de Lisboa, e que ainda não chegaram, o nosso saudar amigo e fraterno. Na realidade, com a África negra, e moura, do Islã, temos uma solidariedade íntima e interior. Creio que todos nós, em todos os povos, temos, até nos livros didáticos, e rendemos homenagens, àquelas civilizações primeiras que foram do Norte da África e geraram a civilização exemplificativa que o mundo grego-romano Ocidental depois desenvolveu. Mas a solidariedade brasileira é diferente. É a de um povo jovem, ainda recente em independência política, e que procura reforçar, cada vez mais, a sua independência econômica, nos foros internacionais, ao lado da África. Somos, sem dúvida alguma, continentalmente América Latina e apesar da divergência de linhas de dominação, de cultura hispânica e de cultura portuguesa, tão próximas de um gênero, posto que são cultura ibérica, e apesar das subunidades regionais válidas, da América Latina, temos de reconhecer e batalhar por uma unidade econômica e política, respeitadas as diversidades nacionais. Mas, nós brasileiros nos espelhamos em África, mais do que todos os outros da Latino América e sabemos que esta posição é, ou deve ser, recíproca. Em primeiro lugar, nos identifica o trópico que, na verdade, não determina mas circunstância e é uma preferência e até um modo de conhecer. O trópico que nos possibilita uma série de sugestões em artes, ciências e letras. Somos realmente irmãos, pelas artes, talvez menos naquela que é ao mesmo tempo forma social. A arquitetura, mesmo na África de colonização portuguesa, somente em poucos exemplares, dizem os doutos, se identifica com a nossa. É que lá não se desenvolveu o sistema caracterizado, tão bem, por Gilberto Freyre no "Casa Grande & Senzala", do tipo patriarcal. A presença portuguesa na África parece ter tido um caráter de permanência menos desejada. Em todo caso registram-se similaridades arquitetônicas. Nas demais artes plásticas, nos identificamos com a contribuição africana, sobretudo em escultura e cerâmica, pois a valorização do afro nunca é bastante destacar.

Vamos à música. Aí, ao lado da música popular cujos ritmos identificam África e Brasil, não é por mera coincidência



que, nas composições eruditas figuram batuques e toadas. Depois as letras, onde afinal de contas toda a literatura litorânea organizou-se numa vasta série de romances e numa grande poesia, toda ela estribada em valores afros. E mesmo a literatura sertaneja, que é diferente, embora com menos influência afro, ela existe através dos resíduos mouros, tão presentes na cultura sertaneja, onde as tradições ibéricas parecem permanentes. É uma literatura simbólica, e vívida no zoo-antropofismo e no mítico-sexual tão característico de África.

O mito da onça castanha, que Ariano Suassuna agora desenvolve, não é senão um simbolismo que identifica um modo de conhecer maravilhoso, mais que enigmático. Maravilhoso no sentido exato da expressão, parecendo cheia de espíritos e rica de deuses, o que mais uma vez compatibiliza Brasil e África. E a ciência? A ciência é por natureza universal, mas a Região é uma categoria. Não fiquemos em Aristóteles ou Kant; outras categorias se formulam e na realidade, esta veio depois da Sociologia. Região é uma categoria cabível, e a prova disso é esta "I Jornada", que é de Medicina Tropical, e que é de Nutrição, baseada em fatos e experiências, nitidamente, também do Trópico.

Então, antropologicamente, estamos unidos e por isso devemos nos aproximar em nuances de erudição pessoal e de cultura individual, posto que há que buscar forças nessa cultura popular comum.

No meu ponto de vista pessoal, acho que a erudtização do folclore não é o caminho, mas que a ciência, a arte e a letra busquem elan no povo, para apresentarem genialidade de uma Nação ou genialidade de um Continente. Sim, esta identificação antropológica nos une, e, também, sociologicamente. De fato, as sociedades de África e do Brasil consolidam comunidades de diferentes espaços e tempos sociais.

Talvez, caiba uma interpretação, em termos de Sociologia conflitual, de classes, para os aglomerados urbanos das grandes cidades. Entretanto, em termos gerais, nossa Sociologia e a da África é mais sócio-antropologia, posto que necessitamos de mais estudos, de adaptações, de acomodações e de assimilações, entre cultura e comunidades, de tempos e espaços sociais diversos.

Também a Psicologia nos une. Não podemos aceitar, brasileiros e afros, uma interpretação psicológica, exclusivamente de tipo comportamentalista, que mais parece voltada para o ângulo produtivo, pois que somos povos ricos de lazer. Temos que buscar uma espécie de Psicologia do homem normal. Esperamos que os da África e do Brasil reponham uma espécie de Humanismo do homem simples, um humanismo do homem normal. Não rejeitamos as interpretações psicanalíticas de cultura. Aceitamos o Desejo, a Lei e a Morte, perspassando pelas ciências humanas, mas não podemos aceitar que se meçam os homens em relação aos porões e aos subterrâneos. Ele há de ser "gabaritado" por outras medidas.

A nossa Psicologia é psicologia íntegra, de produção e de lazer, e inclui o transcendente, desde o mundo mágico até às Religiões positivas, reveladas.

Também nos identifica uma Etnografia, posto que somos, África e Brasil, povos ricos de elementos primitivos. O que esta Etnografia significa, agora, para todos nós é a verificação, recente, de que há uma estrutura normal de pensar — um modo de conhecer. Como que a Etnografia afirma uma lógica das ciências humanas, através da própria estrutura, revelando um parâmetro de normalidade humana que se vai diferenciando nas histórias dos povos. Por conseguinte, com este fundamento enorme, Antropológico, Sociológico, Psicológico, temos condições de partilhar as decisões políticas. Estas são as fundamentais, até mesmo para os marxistas, que pregam um pensar economicista e, paradoxalmente, decidem, sempre, por antecipação, dados os fatores políticos.

Na verdade, com este estribo, temos condições de ir juntos nas mesas internacionais que são, preferencialmente, de assuntos econômicos. A nossa economia é por vezes suplementar de África e os nossos mercados preferenciais não são os mesmos. Entretanto, nos une a idéia de que a ciência e a técnica não de superar os próprios problemas por elas criadas e não vamos estagnar diante de uma poluição que nos infesta, no momento em que ainda não estamos desenvolvidos.

Temos os mesmos problemas demográficos e, em conjunto, sérios problemas monetários, com nuances diversas. Tudo isto, levaria a encontros mas, também, a confrontos e contrastes, em função de conjunturas diversas, se não nos identificássemos por um fundamento social, sólido e comum.

E, ainda mais, não somente no que diz respeito à África, que, como o Brasil, veio de Portugal mas, em toda a África, o fenômeno de fixação de território e sua conquista identificam o sertanismo africano e o bandeirantismo brasileiro. No sertanismo, para citar os países de língua portuguesa, destacamos um Vaz da Mota, um Adriano Gil, que percorreu do Atlântico ao Índico, um Silva Porto. Aqui nós tivemos um Raposo Tavares e um Fernão Dias Paes Leme, entre outros, nas conquistas definitivas de território, embora os doutos destaquem que a função da mulher para implementação, a partir dos territórios conquistados, divergiu entre Brasil e África. Curiosamente, aliás, estes desbravadores, ao mesmo tempo que destruíram culturas primitivas, a conservavam, realizando assimilações válidas entre o Ocidente, a cultura primitiva e outras influências, inclusive, orientais. Não se diga que a África, para nós, é apenas uma lembrança sacrificial e que na nossa lavoura corre sangue afro na sua seiva. Mesmo nesse particular, é preciso destacar que o negro se tornou um sócio da colonização, numa espécie de reversão do dominado em dominador. A contribuição negra é sinceramente reconhecida



pelos brasileiros, mesmo os não de cor, que dela se envaidecem. Além disso, nós também fomos libertários e estivemos ao lado da Angola, no momento em que nos batíamos contra os Holandeses. Para lá foi Salvador Correia e Sá e foram daqui os Fernandes Vieira e André Vidal para governar uma Angola resistente, na mesma linha de cultura de que nós hoje nos orgulhamos. A alusão a estes fatos não se pode desperdiçar, embora outras conjunturas políticas tenham levado a que se pensasse no seu desconhecimento.

Sempre foram bem-vindos os africanos e continuam a sê-lo.

Que seja nesta Universidade Federal de Pernambuco, a sede desta Reunião, vale explicar-se.

Na verdade, para os que são como eles irmãos distanciados, é preciso que se explique que Pernambuco tem uma posição e mais que Pernambuco, Recife, que é cidade pluriestadual — que é Metrópole de uma Região. Evidentemente, ela não tem hoje a mesma presença demográfica, econômica e política que tem o Centro-Sul, mas ainda mantém uma liderança regional incontestante e ainda tem arrancadas de pioneiros em letras, em artes e em ciências.

É bom que se diga que, nesta casa funciona, há vários anos, sob a direção do Mestre Gilberto Freyre, um Seminário de Tropicalologia; como funciona o Instituto de Medicina Tropical, hoje Departamento, sob a direção deste Ilustre Idealizador e Coordenador desta "I Jornada Afro-Brasileira de Medicina Tropical e Nutrição" — o Professor Ruy João Marques; como funciona sob a consultoria, e outrora direção, do renomado internacionalmente Fisiologista e Nutrólogo, Nelson Chaves, um Instituto de Nutrição. Vale lembrar que a nossa cancerologia, disciplina apontada como de natureza elitista, tem nos seus registros elementos regionais e é isso o que o Professor Adonis Carvalho dirá aqui. Contamos com a colaboração de pesquisadores em produtos naturais capazes de produzir fármacos e que honram o Instituto de Antibióticos e que começam a exercer um trabalho mais efetivo em nosso Departamento de Farmácia.

Por conseguinte, nos apresentamos com uma série de condições para esta "I Jornada" que tem um evidente caráter científico, mas da qual não se deve escusar, por um minuto, o seu explícito e claro caráter político. O Ministério das Relações Exteriores compreendendo, sabiamente o seu papel, fez tudo para nos apoiar em circunstância conjuntural difícil; da mesma forma o Ministério da Educação, como também o Ministério da Saúde.

É que na realidade, nós entendemos que isto é um começo moderno de relacionamento entre Brasil e África, absolutamente profícuo, para avaliação de todos os problemas que afetam a zona do Atlântico Sul.

Sei, e estou tranquilo, que o nosso clima é ameno a vós africanos, que as nossas auroras são as mesmas, que os nossos crepúsculos têm a mesma rapidez, por conseguinte, o tempo astronômico nosso é o vosso e o tempo e espaço social também são vossos e nossos.

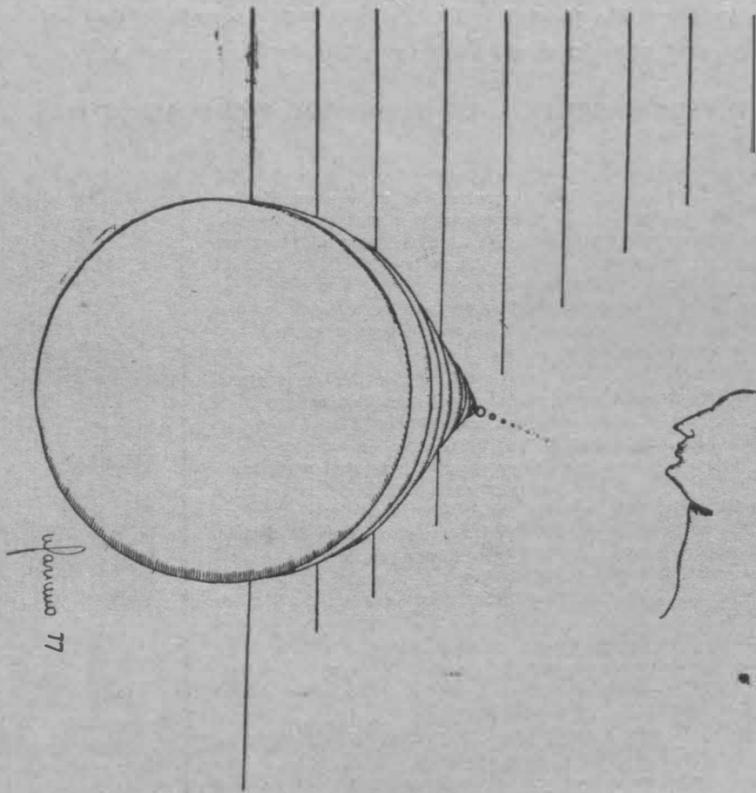
Estou certo de que estais bem-vindos e quero apenas dizer, ao final, que conferirei, na hora da saída, isso que agora vos desejo, brasileiromente, que a casa seja vosssa.

As portas estão abertas para os nossos irmãos".



Antimatéria, a nova caminhada

Numa visão de universo, do domínio do núcleo atômico das realidades microfísicas à perspectiva dos espaços artronômicos, a ciência estende seus domínios. Domínios fechados, vedados ao homem comum. Veja-se, por exemplo, o conhecimento do átomo, só após o impacto da explosão de Hirochima com seus horrores é que o grande público tomou conhecimento do átomo com suas gigantescas reservas de energia.



A história do átomo é antiga. Na origem nada mais era do que uma palavra. Os gregos introduziram as noções de vazio e de descontinuidade da matéria, para superar a contradição existente entre a experiência sensível e as propriedades do ser; subdividiram-no no seio do vazio e deram às parcelas o nome de átomos (Leucipo e Demócrito).

No nosso século, o átomo indivisível por definição ia despedaçar-se com o progresso dos novos instrumentos de análise. Os cientistas começaram a rever as noções de tempo e de espaço e a por em dúvida o caráter contínuo da energia: daí nascia a relatividade (Einstein) e a teoria dos quanta (Bohr e Heisenberg).

O tempo, unidirecional e irreversível, ganhava nova coordenada com a relatividade, tetra dimensão. O universo passa a ser um conjunto de eventos de coisas "aqui e agora", sendo, contudo, o agora diferente para cada lugar como é diferente o aqui. Mas, qual o sentido último de tempo e de espaço? O aqui e o agora têm sua validade retraduzida na linguagem da nova física. Assim, a realidade preexistente às descobertas científicas ganhava novas significações com a teoria da relatividade que, verdadeiramente, subverteu os conceitos de tempo e de espaço. Do começo do século até 1930 desfaz-se a solidez e imutabilidade da física clássica, os conceitos são revistos e o homem vai levando a experimentação cada vez mais além.

Em sua percuciente visão, Merleau-Ponty observa: "O espaço, o tempo das coisas são farrapos dele próprio, de sua es-

pecialização, de sua temporalização, não mais uma multiplicidade de indivíduos distribuídos sincronicamente e diacronicamente, mas em relevo do simultâneo e do sucessivo, polpa espacial e temporal onde os indivíduos se formam por diferenciação. As coisas aqui, ali, agora, então, não existem mais em si, em seu lugar, em seu tempo, só existem no término destes raios de espacialidade e de temporalidade emitidos no segredo da minha carne, e sua solidez não é a de um objeto puro que o espírito sobrevoa, mas a experimentada por mim do interior enquanto estou entre elas e elas se comunicam por meu intermédio como coisa que sente".

Maurice Duquesne diz, que apesar das "brechas" que a mecânica relativista abriu nas noções de tempo e de espaço, de massa e de energia, ainda deixava intacta a da continuidade das grandezas físicas. A teoria dos quanta vem elucidar este ponto. Primeiro, com Planck, com sua física edificada na escala do átomo ele introduzia com o quantum de ação, variações descontínuas das grandezas físicas. Desde os gregos até a primeira década de nosso século o átomo teve várias e diferentes representações. Os átomos de Epicuro já possuem representação geométrica; os de Lucrecio serão ainda mais detalhados mas detalhes que lhe dizem respeito apenas à superfície, nada sobre sua estrutura interna. Em 1880 os físicos descobrem uma carga elementar no átomo a que deram o nome de elétron.

Jean Perrin imagina o modelo planetário, onde os elétrons gravitariam em torno de um "sol" de eletricidade positiva, essa carga concentraria a quase

totalidade da massa: é o núcleo que por sua vez concentra toda a carga positiva do átomo.

Os físicos reduzem a uma construção geométrica a nuvem eletrônica que envolve o núcleo. A nova física torna-se cada vez mais abstrata.

Depois do grande passo dado por Einstein com a teoria da relatividade e de Planck com a dos quanta, vêm Louis de Broglie e Heisenberg com a **mecânica ondulatória**.

ANTIMATÉRIA

Werner Heisenberg é o criador de uma teoria dos quanta, que exigia interdependência das grandezas observáveis. A mecânica quântica permitiria assinalar o que viria a ser **antimatéria**. Prosseguindo em seus estudos Werner Heisenberg analisou, em 1927, a sua própria teoria, ou seja, a relação do sujeito que conhece, e do objeto que é conhecido. Os físicos mais relevantes daqueles anos foram mundialmente projetados por força de seus descobrimentos, e através dos suportes filosóficos que os sustentaram. Para Heisenberg, que em seus momentos de ócio se dedicava à música, a ciência espiritualiza o homem e o aproxima de Deus.

As experiências de laboratório, a física beneficiando-se da matemática e da técnica caminha para o conhecimento que leva à desmaterialização da matéria com o estudo cada vez mais aprofundado das antipartículas que é objeto da Física moderna; com as recentes descobertas do **antipróton** e do **antinêutron** previstos em 1929 pelo físico inglês Dirac e comunicadas à Sociedade Real de Londres.

O Tempo em História

JOSEMIR CAMILO

Tudo que se tem escrito até hoje sobre História, parte de um princípio fundamental para esta disciplina: o evoluir no tempo. E, para muitos, História é igual a cronologia.

Condicionou-se em interpretar que a História segue uma direção linear, e, de acordo com várias escolas, os seus fins. Acredita-se sempre que a História vai em alguma direção, muito embora para onde não se saiba. Uns admitem que para a Providência Divina, uma vez que tudo veio de lá, — os agostinianos, os tomistas. Outros, que para o Incerto, para a frente (?), para adiante, em formas helicoidal ou dialética. Ainda outros, que para nada, que a História é a própria vivência do absurdo, coroada pelo nihilismo.

Afora os existencialistas que parecem negar a capacidade de o homem ser sujeito da História, as demais correntes filosóficas acreditam numa unidirecionalidade da História. Em que estaria baseada esta pressuposição? E, sob que conceitos se acham presos os vocábulos História e Tempo?

A primeira falha em se interpretar a História de um povo é admitir que ela tenha começado (para efeitos teóricos) com a escrita. Restringe-se assim o conceito devido à semântica do termo. Logo, restringe-se também o período de existência prática deste povo em estudo. Para o outro período, obscuro porque sem escrita, usam o termo frágil de Pré-História, como se o povo realmente tivesse feito uma parada existencial e tomado novos caminhos. No campo pedagógico estas duas disciplinas são apresentadas estanques, divorciadas, até mesmo pelo método de estudo: estruturas para a Pré-História e conjunturas para a História (para usar o ponto de vista tradicionalista).

Se se concebe a Idéia de História como a dinâmica dos grupos humanos, a praxis criadora e reformuladora do mundo, a atividade não só funcional, mas existencial sob todos os seus aspectos, a concepção de temporalidade muda. Ou para uma unidirecionalidade, ou para uma anarquia de acasos e necessidades. Porque tem-se que dislocar duas coisas essenciais: a realidade que foi vivenciada por um determinado povo e sua (re-)interpretação por estudiosos, cronologicamente distantes de tal vivência.

Dai, nova problemática. História é o que se escreve sobre a vivencialidade, ou é esta em-si-mesma? Se a resposta é o que se escreve, então teremos uma História bem comportada, porque vestiremos a realidade-que-foi de acordo com nosso figurino ideológico. Caso seja a vivencialidade-em-si teríamos uma atemporalidade, uma História pluridirecionalizada, ou, pelo contrário, indirecionalizada, o caos, ou simplesmente o fluir natural da vida.

(Que dizer dos selvagens (no sentido de indígenas, meramente) da Nova Guiné, aparamentado a sua maneira tribal, fazendo compras num super-mercado, cheio de controles eletrônicos?)

Como esta vivencialidade não pode jamais ser apreendida por qualquer ser humano, é que se estabeleceram categorias, a posteriori, a fim de se extrair dela, aquilo que achavam essencial, necessário, sob variados pontos de vista, do ético ao pragmático. Dai, categorias como "fato histórico", "transcendência", "civilização", "modos-de-produção" etc...

Uma vez estabelecida a seleção sobre a vivencialidade, propagou-se-lhe como História, e, de acordo com a escolha teórico-metodológica dos conceitos, uma direção para a História.

Mas, se chegássemos a conclusão de que o mundo não vai para canto algum, que a humanidade não marcha para lugar algum, e, de que a História jamais teve direção, sentiríamos algum impacto em nossa filosofia humanista? Estaríamos regressando ao naturalismo (ou nunca saímos dele?)

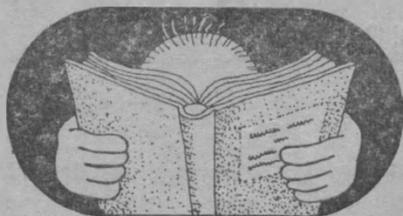
Mesmo que chegássemos a estas conclusões, poderíamos tomar as rédeas do processo histórico, tentando uma direção? O homem é quem faz a História, Marx? Embora nem sempre como sujeito? E, para onde levar a humanidade com sua vivencialidade? É possível conduzir o imenso rebanho?

As Ciências Humanas sempre se mantiveram à distância da aparelhagem conceptual das Ciências, ditas Exatas. Justificasse, primeiro pela inaplicabilidade, segundo, pelo abuso ideológico que se faz da Ciência-em-si em benefício de quem controla a tecnologia. E a disciplina História reluta em transformar seus conceitos, embora se ache, aqui e ali, elivada de conceitos técnicos, devido a proeminência que a História Econômica vem tomando no século XX.

Mas, o que aconteceria se utilizássemos a noção de tempo da Física Moderna? Como provar que a História marcha para algum ponto ou objetivo? Como justificar que em História nada se repete? Ascensional, para onde? Estágio superior da dialética (síntese), sempre superior, em direção a que?

A História resistiria a uma revisão, partindo-se do conceito de não-sequência temporal (origens-causa-consequência)? Ou será que o único parâmetro, por que tenhamos de nos orientar, seja o aperfeiçoamento tecnológico, por que a humanidade tem passado? Mesmo assim, por que o tempo não evoluiu para as tribos neolíticas do interior do Brasil, enquanto que as congêneres européias se passaram à Idade do Ferro e do Aço? Por que a temporalidade evolucionada existiu para uns povos e para outros não?

Não seria a História-escrita um blefe em relação à História-vivencializada? Quem predomina?



caderno

LITERÁRIO

N.º 7 RECUE
MARÇO 1977
JORNAL
UNIVERSITÁRIO

RENATO CARNEIRO CAMPOS:

vida e obra



Renato Carneiro Campos deixou uma lacuna, dificilmente preenchível, na literatura pernambucana. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Universidade Federal de Pernambuco, e professor assistente dessa mesma Universidade, Renato Carneiro Campos era ainda diretor do Departamento de Sociologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. É autor das seguintes obras: "Arte, Sociedade e Religião" (Editora Progresso, Bahia); "Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste" (MEC/INEPE); "Carlos Pena Filho, Poeta da Cor" (Imprensa Universitária de Pernambuco), além de trabalhos publicados em revistas

especializadas. Deixou ainda inéditos o romance "O Cavaleiro sem Cavalo"; o ensaio "Tempo Amarelo" e o livro de crônicas "Sempre aos Domingos". Sociólogo, romancista, ensaísta, professor universitário, se destacou sobretudo como cronista. Suas crônicas, repassadas de ternura, graça e ironia, constituem-se num registro não apenas cotidiano, mas profundamente existencial dos fatos por ele observados. Renato Carneiro Campos foi dotado como poucos no país para esse gênero, podendo perfeitamente citar, dentro de uma linha inteiramente original, ao lado de um Rubem Braga e de um Fernando Sabino.

O Real e o Sonho

De Quixote e Sancho todos nós temos um pouco. A adequação entre a realidade e o sonho é tarefa que, às vezes, nos confunde e deixa agoniados. Nesta manhã recifense, ao escrever esta crônica, penso nas praias esplendidamente ensolaradas, redes em amplos terraços, caju-dourados, ritmo de folhas de coqueiros, e entra, na minha sala, um cheiro de maresia. Vista de riachos, canaviais, tardes de mormaço, ar-repio de frios lençóis, sombras, mesa farta, largas camas de sono e sexo. Chego a pensar que a cidade é uma trituradora de Quixotes, onde Dulcinéias zombam do seu fidalgo ridículo e da sua loucura itinerante à procura de grandeza. Máquinas de datilografia e arquivos acinzentados se transformam em moinhos de vento. Um fusca envelhecido, num passe de mágica, pode fazer a vez de Rocinante. Livre de horários, liberto de obrigações mesquinhas do cotidiano, imagino que os amigos não morreram, permanecem encantados, que o fim do ano se aproxima acrescentando mais motivos ao "hábito de sofrer que tanto nos diverte", ensinando a permanecermos firmes, orgulhosos de cabeça baixa. Vamos remendar injustiças, brigar a briga que os fracos não puderam brigar, repelir a ofensa que o humilhado foi obrigado a engolir, dobrar a mulher que repeliu o tímido, o pobre e o feio, investir contra poderosos que julgam que

a terra foi criada exclusivamente para eles.

De repente, o Sancho começa a tomar corpo na sala, pedindo prudência, arrefecendo todo ânimo de aventura. Insinua que de nada vale sermos governadores de uma ilha, alegando que nem o próprio Onassis, com todo o dinheiro que possui, está satisfeito com a sua, sentindo-se derrotado na preservação dos seus tesouros, expostos à indiscrição do mundo inteiro. Fez um pequeno sermão em favor das vantagens da burocracia, do pão certo que comemos, dos sentimentos purgados de paixão, da poupança, da letra de câmbio, do conforto de se acompanhar as minorias vitoriosas. Terminou com o ditado: "Mais vale um pássaro na mão do que dois voando".

Não sendo possível transformar sonhos em realidade, resta, pelo menos, não ver esta realidade da maneira que todos a vêem, digo baixo para mim mesmo. Não ouço mais o que Sancho fala, já querendo se fantasiar de Príncipe da Dinamarca, gritando aos meus ouvidos, antes de bater a porta, a famosa interpelação: "ser ou não ser? O exercício de ser: uma travessia, recorro ao mágico de Codisburgo. E nessa travessia, ouço o Quixote dando o seu belo conselho, consolando o homem agoniado, de nervos cansados, cheio de remorsos: "Até morrer tudo é vida".

CINZA

Um cinzeiro: pontas de cigarro amassadas. Cinza na boca, no coração, na vontade. Pelo de rato, terra de velhos quintais, olhar de indiferença, peixe morto, lama, água de mangue. Novamente o Adágio de Albinoni. Chumbo pesado sufocando o peito. Cinzento de madrugadas que não amanhecem nunca e de fins de tarde que jamais anoitecem. Cinza de amizades perdidas, de amores que arderam como fogo de monturo, lajes frias, esquecimentos, alfinetes, punhais, abismos, passados deteriorados. Medo. Cinzento de coisas repetidas, saudades esquizofrênicas, dores sem diagnóstico e terapêutica. O cinzento hamletiano. Nada dos prateados e dourados quixotescos, dos vermelhos lawrencianos, dos roxos franciscanos, dos azuis fidalgos, dos negros auxiliares, dos brancos finais, dos verdes infantis, dos amarelos que gritam. Cinza do penúltimo minuto, da palavra que não foi dita, da mentira silenciosa, dos profundos desentendimentos quando mais as pessoas se entendem. Cinzento de viver a opinião dos outros. Cinzento da embriaguez inexplicável e obstinada, de fingir uma profissão que não se tem, uma coragem desde muito tempo falecida. Cinzento das esmolas negadas, das gorjetas magras, dos pratos divididos, das atitudes políticas neutras, das dividas, das viagens adiadas, das ofensas despistadas. Olhos cheios de

neblinas e cataratas. Restos de uma mesa farta. Garrafa de vinho pela metade. Um queijo do reino mofado. Purgatório. Pilatos. Cinzento de desculpas que não foram aceitas, de explicações inúteis, de carinhos recebidos com indiferença. Cinzento dos barbitúricos, das derrotas habituais, dos feriados adutores de suicídios. Silêncio de nervos expostos. Fraturas. Campeonatos perdidos. O ir sem querer ir. O ficar sem querer ficar. O dizer sem querer dizer. O viver sem querer viver. O morrer sem querer morrer. O bater sem querer bater. Acontece assim: nada mais perto da violência do que a ternura repelida e não compreendida. Crimes em que as facas e as balas fazem a vez, de modo insistente, comovidamente insistente, de carícias impossíveis. Cinzento de cadeias, de enfermarias, de bares que não fecham as portas, de repartições sonolentas, de candidaturas derrotadas. Vago. Vago nos dois sentidos: vago e vago. Cinza das compreensões pela metade, dos gozos egoístas, das ausências não notadas. A ausência que não foi notada sempre procura, mesmo que seja através de meios ilícitos, uma maneira de marcar uma presença. Agressivamente marcar uma presença. Ridiculamente marcar uma presença. Piano fechado. Violão sem cordas. Flauta enferrujada. Disco aranhado. Cinza, cinzento, cinza, cinzento.

Crônicas, identidade de um escritor

Renato Carneiro Campos deixou a marca da sua personalidade como escritor através, principalmente, das suas crônicas dominicais, publicadas na Imprensa pernambucana. Transcrevemos abaixo algumas das suas crônicas, para que o leitor possa aperceber-se do valor literário de um dos maiores cultivadores da crônica no país.

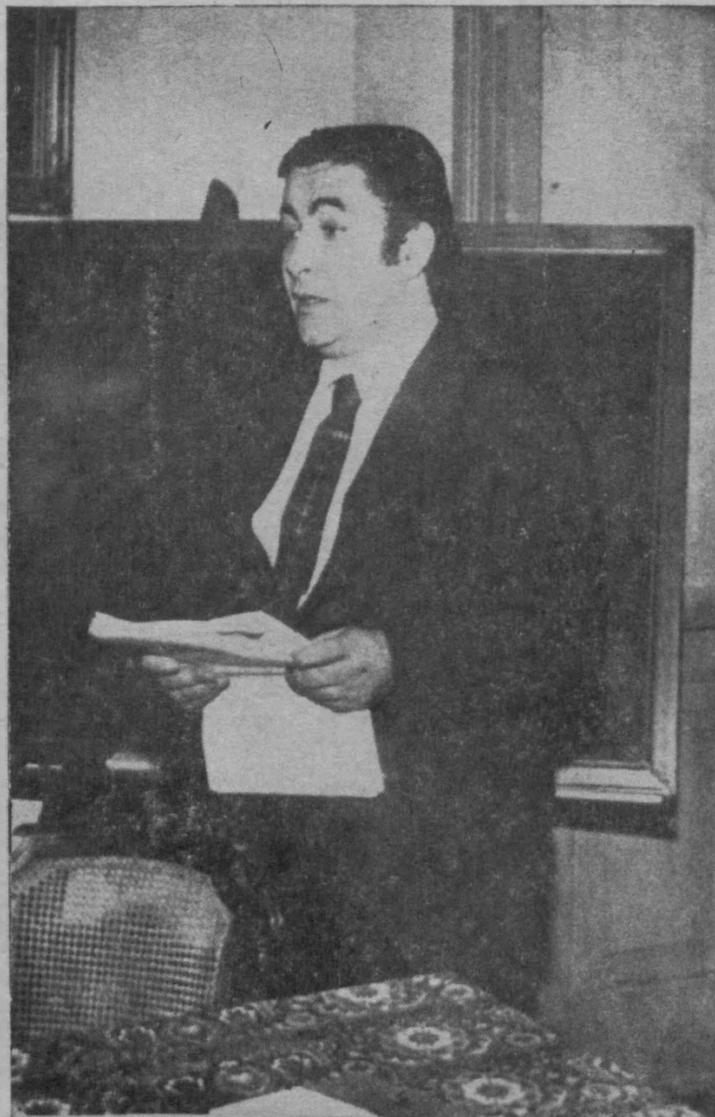
Duas Mãos e o Sentimento do Mundo

O repórter Antonio Prado escreveu, certa vez, uma das reportagens mais dramáticas já saídas na imprensa brasileira. Deixa todos nós com um profundo remorso. Fala de menores que se transformaram (ou foram transformados?) em ladrões e assassinos. Relata a impiedade com que executaram um companheiro de cela. Descreve o ambiente de onde vieram, as vidas entrecruzadas nos fios da horrorosa tela de miséria, vício e desespero. Frutos precocemente apodrecidos de uma sociedade de consumo. A reportagem é uma crítica demolidora na simples apresentação das origens dos infelizes menores que participaram de um crime, na véspera de Natal, numa cela da cadeia de Santo André. Reportagem objetiva. Bisturi jornalístico dissecando um cadáver em decomposição. Não interpreta, mostra os fatos, somente os fatos.

Às vezes, sinto-me como se estivesse isolado. Incha na minha garganta as palavras do poeta: "Só tenho duas mãos e o sentimento do mundo". Duas mãos, apenas duas mãos. Um sentimento do mundo impotente, subjetivo, sem possibilidade de se exercer objetivamente. Náusea. Desespero. As notícias dos jornais como socos na cara, ensanguentadas manchetes. Os olhos vendados para os mangues do Recife. Os olhos vendados também para a paisagem humana da zona canavieira nordestina. Olhos abertos para os bailes, boites, ações da bolsa, letras de câmbio, loteria esportiva, copo de uísque escocês, tela panorâmica de cinema, pornográficas comédias brasileiras, jogadas de Rivelino, cartas de baralho. Ouvidos fechados para o choro dos meninos abandonados, dos adultos no desespero dos hospitais de indigentes, das prostitutas nos primeiros dias na pensão, dos presos amontoados uns nos outros, como animais, dos pais de família no naufrágio orçamentário. Ouvidos abertos somente para as músicas de Roberto Carlos e Benito di Paula, os programas de auditório de televisão, as anedotas, os mexericos, as informações sobre a vida privada das pessoas consideradas importantes.

O menino que morreu, na cela da cadeia de Santo André tinha quinze anos. Os pais morreram quando ele estava apenas com oito anos. Ninguém quis saber dele. Morreu numa véspera de Natal, ansiosamente esperando que algum parente o fosse buscar. Os seus gritos não foram ouvidos pelo carcereiro. Abandonado, totalmente abandonado. Há jaulas também para meninos. Crucificações diárias. Judas por todo canto. O número de Pilatos é de meter medo. A negativa de Pedro batendo nos meus ouvidos: não conheço essa gente, não tenho nada a ver com isso. Escrever como quem morde, agride, fere, grita, cospe, vomita, reclama, denuncia, protesta, esperneia, será que adianta? O bom parece que é escrever sobre amenidades, fabricar sonetos leves e catitas, descrever paradisíacos lugares, participar do mercado dos elogios, credenciar-se para as colunas sociais, não ser contra nada, elogiar os poderosos do dia. Cultivar a elegância exterior, realçar os sinais de prosperidade, ser um candidato em potencial às academias e às comendas, cavalgar sucessos, dá-se por satisfeito e com as obrigações sociais cumpridas pelo simples fato de pertencer a uma sociedade beneficente e ir à missa todo domingo.

Que posso fazer? Senti-me assassino e vítima naquela cela de Santo André. Levei e dei pancadas. Matei e morri. Russuscitei da minha indiferença e das minhas omissões, da minha covardia. De repente, levantei-me da cela dos traidores, sai para vomitar. Comecei a viver de novo. Deu-me vontade de entrar no primeiro mucambo, sentar, sentar num tamborete e puxar conversa, seguir para o eito do engenho e oferecer a minha ajuda, beber cerveja na pior pensão da rua da Guia, fazer-me de Papai Noel atrasado para os meninos que estão no Juizado de Menores. Mas nada disso fiz. Andei apenas em redor da minha biblioteca. Protelei todos os meus atos de solidariedade. Afinal de contas permaneço um romântico que chega a pensar algumas vezes, que dar esmolas resolve os problemas alheios, a confundir bondade inerte com ação permanente e constante de luta contra o mal. Um mal que quase sempre consiste na exploração, em proveito próprio, por parte de uma minoria, dos mais fracos, dos desfavorecidos da sorte.



Anatomia do Boato

As cascavéis do boato. As que mordem pelo telefone. As que transmitem a sua baba peçonhenta pelas linhas telefônicas. "Sabe o que aconteceu, minha nêga?" "Sabe o que fulano fez? Fez isso e isso e mais aquilo, já imaginou?" O boateiro é irmão gêmeo do intrigante. Quase sempre, ao espalhar inverdades sobre os outros, está se defendendo do que dizem dele. Ou do que gostaria de fazer mas não tem coragem. O alvo dos seus boatos, de certo modo, deve se sentir lisonjeado, pois o boateiro não perde tempo com fracassados; só atinge a quem considera importante, mordido de inveja com o sucesso alheio. Lembro o belo verso do poeta Angelo Monteiro: "Meus estandartes sem culpa te incomodando".

Recentemente, comigo aconteceu uma coisa interessante. Numa conversa de rua, eu defendia veementemente uma pessoa de acusações desabonadoras que lhe estavam sendo feitas. Um dos presentes, então, advertiu: "não defenda tanto, pois a mim mesmo, pelo telefone, essa pessoa disse o diabo de você". Fiquei sem jeito e mudo. Deve ser o desespero, o remorso, o querer fazer o mundo igual a ela desculpei. Compreendi. Sinceramente, consegui até achar graça. Ainda bem que o boateiro é um assassino que apenas pretende matar através de palavras, de longe, embaçado, sem possuir nunca a coragem de usar uma faca ou um revólver. A sua frouxa personalidade me tranquiliza. As armas que costuma usar são: o telefone, a carta anônima, a conversa de esquina ou de bar, a reunião social.

Geralmente quem espalha um boato está disputando alguma coisa. Quer se destacar entre ruínas. Dizer que é bom, incapaz de fazer o que está atribuindo às pessoas vítimas dos seus boatos. O boateiro é o mentiroso da linha do mal. Um ficcionista anônimo e sem fôlego. Alguns, porém, os mais ve-

nenosos, possuem artes do diabo: espalham boatos, penalizados, dizendo-se amigos, lamentando os fatos que não aconteceram ou foram aumentados e mal compreendidos. Costumam alegar fatores morais. Recordo a frase do poeta inglês, tão do gosto de Lawrence Durrell: "só os imorais falam em moral". São inimigos ferrenhos, os boateiros, dos chamados intrigantes do bem. Vêem o mundo pelo olho mais sujo que possuem. Um olho mais necessitado de papel higiênico do que de óculos. O boateiro, muitas vezes, usa o boato para ascender na vida, destruir os seus concorrentes subrepticiamente. É o covarde que luta de costas, por meios oblíquos. Uma espécie de Sancho Pança se defendendo, às escondidas, dos tipos quixotescos. Espalhar boato é a maneira do medroso brigar.

Existem também os boatos de natureza política: uma maneira dos oprimidos se defenderem dos opressores. Aí o boato se confunde com a anedota. Vem sempre envolto em situações ridículas. A reação política se faz através do riso. É o único tipo de boato que chega a ser simpático.

Adquirir, nesta cidade, qualquer forma de destaque significa se transformar imediatamente em alvo de boatos. Ninguém escapa. De repente, na boca (ou latrina?) desses boateiros o cidadão se transforma em "bicha", corno, ladrão ou f.d.p.. Adubadores de equívocos, divulgadores de estórias que fazem do mundo uma cloaca. Conheço alguns deles. Sei que sentem pelo meu olhar a advertência do velho pecador: macaco olha o teu rabo.

O Recife está se tornando uma cidade ótima para se viver. Atualmente, fala-se tanto da vida alheia, difama-se tão adoidado, que ninguém acredita mais em nada. Cada recifense, atualmente, é uma espécie de super-São Tomé.

Sonho e Realidade

Pela vida, tenho sido testado duramente. Não me queixo: sempre aceitei essa briga de foice, sem ninguém para despartar. Existiram os intervalos, bem que existiram os chamados bons momentos. Em algumas ocasiões, muita vontade de arrepiar carreira, fugir mesmo, mudar de identidade, começar tudo de novo num lugar inteiramente desconhecido. Ser dono de uma pequena propriedade, plantar verduras e flores, enfeitar as árvores grandes com pássaros de coloridas plumagens, povoar o açude de peixes, patos e marrecos, ouvir, no fim da tarde, sons de guizos e chocalhos, andar num cavalo manso, conhecedor seguro dos caminhos da volta, bem diferente da minha consciência. Por falar nessas coisas, soube, através dos jornais, que estão pretendendo criar um Banco de Sonhos. Não contribuirei. Meus melhores sonhos não contarei a ninguém. Os pesadelos também. Nada de entregar a bandidos o mapa do tesouro. De qualquer modo, uma boa idéia do tão espiritualmente elegante Jean Duvignaud. No sonho, às vezes, penso que estão as chaves da vida e da morte. Uma vida que se faz morte e uma morte que se torna vida. Tudo em návoas de sonhos impalpáveis e incorruptíveis. E é de sonhos que ele se recompõe, deixando-me sem gosto de vida na manhã que nasce. Sim, foi tudo uma realidade.

Ouço a voz do compadre Aluísio, de São Paulo, pelo telefone, perguntando pela minha saúde. Vai tudo equilibradamente no mais ou menos. Quem pode, pode, e quem não pode, se sacode. Acredite, porém, que um dia macaco será gente. Breve, estaremos reunidos, tomando a bebida preferida, ouvindo música cafonca e relembando velhos tempos, tendo ao nosso lado uma doce e fiel platéia. Dá para entender, não é? Pode ser até que o reencontro se realize no bar de um navio em cruzeiro pelo Oriente. Coleções de borboletas, véus de todas as cores, incensos, fofos divãs, toques dolentes e macios, canções hipnotizantes. Uma guitarra dourada acariciada por dedos finos e morenos, apertada contra peitos agressivamente jovens. Grande viagem. Minas de Salomão, segredos das pirâmides, desencontros, em Samarra, prostitutas de Alexandria, águas sagradas da Índia, martírios na Tailândia, ruas de Damasco, amores em Casablanca, despedidas em Tanager, solidões em Instambul, valentias no Sudão, sobressaltos em Israel. Preciso de dólares para a longa travessia. Necessito de bastante dinheiro para os meus inúmeros disfarces.

Muita gente está se despedindo. Alegremente, os amigos partem para as praias distantes. Aproveitam os dias feriadados, vão segurar o sol com a mão. Alguns alimentam projetos magníficos, pretendendo fugir de tudo, encontrar um esconderijo. Para me fazer inveja — só pode ser — dizem que vão morrer de tanto amar, beber vinho, dormir em rede, chupar caju, comer homéricas peixadas, tomar banhos noturnos, não ter horas certas para nada. Férias a dois, sem ninguém para atrapalhar. Amor no terraço, na beira da praia, debaixo dos cajueiros, amor até abaixo d'água. Querem e não podem fazer a pessoa falar só. Está bom: que se amem, escandalosamente se amem. Mas, não façam alarde, por favor. A minha imaginação dói. A minha saudade dói, o meu ficar dói.

Encheu-me as medidas a exposição promovida por Nara Castro e Silva e Renato Magalhães Gouveia, na Galeria Gatsby, somente de desenhistas pernambucanos. Excelente seleção. Não me lembro de outra mostra, no Recife, que tenha ultrapassado tão alto nível artístico. Chega a ser didática no melhor sentido da palavra. E já que estou com a mão na massa: meus melhores aplausos para o livro de poemas de Celina de Holanda Cavalcanti. A Mão Extrema. Extrema sensibilidade poética. Extrema e delicadíssima mão levantando os véus do mistério poético. Trata-se, sem imitação, de uma nova Cecília Meirelles. Adão Pinheiro levou o ritmo poético de João Cabral de Melo Neto para a sua ótima apresentação, em prosa, dos desenhistas pernambucanos. Francisco Brenand sonha com binais de cerâmica, em Pernambuco. Pretende, com ânimo renovado, seguir o exemplo de Cicilo Matarazo, em São Paulo. Merece apoio. Joyce, certa vez, declarou: "só escrevo para ofender". Está na hora de reler os seus livros. É o que eu vou fazer. Sim, atualmente, Memórias do Cárcere deve ser um livro muito chato. Pelo menos, incomoda. Uma voz do passado, insistindo em falar de coisas desagradáveis do presente.

O menino do cavaquinho passou batendo no seu triângulo, bem defronte ao meu portão. Vontade de dançar. É uma comida inocente, dando a sensação de que se mastiga nuvens e lúdicas hostias. Espero pelo sorveteiro e o doce japonês. Na certa, eles virão. Não posso perder o meu tempo: esperar por quem não chega nunca. Faço planos para íntimas comemorações em Novembro. Tenho uma data escolhida, vermelha e viva no calendário, exigindo regozijos. Não, não se trata de eleições. Uma data particular e que só a mim diz respeito. Que venha logo Novembro, a ponta de lança deste verão. Ferro e fogo.



JOAQUIM CARDOZO:



uma alma serena
e pura a serviço
da magia poética

Opiniões de Joaquim Cardozo sobre:

A VIDA — "O que mais me marcou na vida foi alcançar a compreensão de ter vindo de uma sombra, e de estar agora me dirigindo para uma outra sombra que suponho não ser a mesma de onde vim. O mistério maior não está na morte, como em geral pensam os sábios das ciências teológicas, e sim no aparecimento da vida, porque a morte em si mesma é menos misteriosa do que a vida, sobretudo para os homens que, segundo Rainer Maria Rilke, têm existência aberta — pois sabem que vão morrer; no entanto, nunca souberam que iriam nascer".

tos, como, por exemplo: José Maria de Albuquerque Melo, Oscar Niemeyer, João Cabral de Melo Neto, Rodrigo Melo Franco de Andrade, etc. Quanto às maiores admirações no mundo literário são também muitas, e somente poderão ser enumeradas depois de uma análise crítica relativista que não cabe num tão curto espaço. O meu amigo Manuel Lubambo, com quem mantive discussões intermináveis, mas sempre cordiais, costumava dizer que onde está o homem está o perigo. Lubambo conheceu mais do que ninguém o perigo de ser homem".

A MAGIA ORIENTAL — "Meu encontro com o Oriente ocorreu a partir da leitura que fiz dos pré-socráticos, que segundo Zerner estão associados aos filósofos hindus e chineses da mesma época, esses filósofos pré-socráticos que Zubiri achava indispensável serem conhecidos pelos alunos do seu curso de Introdução à Filosofia. Mas esse meu encontro com o Oriente não foi apenas através de Zerner e de Zubiri, e sim também dos poetas hindus: Valmiki, Kalidasa, Harsa, Bhartrihari, Amaru, etc; ou dos chineses: Wang-Wel, Du-mu, Du-Fu, Li-Tai-Po e sobretudo Bai-Klu-Yi, a quem Wales, notável sinólogo Inglês, dedicou um livro, ou dos japoneses Basho, Issa, Kikaku, etc, ou ainda dos próprios árabes: Al-Mutanabi, Inru Ulquais, Abu Nuwas, Umar ban al Farid, Zurat, etc; ou dos metros utilizados por esses poetas: o Cloka, o metro épico hindu, de 32 sílabas, dividido em dois hemistíquios de 16 sílabas cada um, que é um metro usado em vários textos sânscritos. Além deste, também os gathas — que vieram dos livros de Zoroastro. Na China os metros de quatro versos e cinco palavras ou quatro versos e sete palavras, ou os versos mais longos de Bai-Klu-Yi. Na poesia árabe o Muwaxxaha, o Rajaz, o Hadit, o Ramal e muitos outros; no Japão o Tanka, o Hal-Klu ou o Renga. O que, porém, mais me seduziu na cultura oriental foram as danças. Vi, no cinema, a bailarina lhanta Rao dançar o Bharata-Satyam. Ainda no cinema, vi a brahmine que ajudou Jean Renoir no filme O Rio, e aí ela dança o Kathakali. E da China vi as danças da Ópera de Pekin, em espetáculo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

LUGARES BONITOS — "Os recantos de maior beleza que vi foi em Portugal, principalmente o que presenciei na velha cidade portuguesa de Alcobaca. Com um amigo visitei uma família sua amiga, numa casa larga, arejada, janelas e portas abertas. Na sala de jantar se reunia toda a família, constituída de muitas moças e rapazes, numa alegria expansiva, bem portuguesa. Ali em Alcobaca, à sombra da Catedral — onde está o túmulo de D. Pedro e Inês de Castro, e que depois de morta foi rainha nos versos românticos de Camões. Aquele interior assim tão livre, tão fresco, nos fazia crer que estávamos em dia de festa".

O POETA JOVEM — "Diante das transformações por que vem passando o mundo, acho que um jovem deve meditar primeiro sobre o que está acontecendo, e esperar que, espontaneamente, essa obra que ele procura se realize dentro dele. Não há propriamente um caminho previsível para se chegar a esse fim".

Ele parece muito mais velho do que realmente o é. Embora de estatura razoavelmente elevada, dá a impressão de pesar não mais de 40 quilos. Suas mãos, magras e cheias de veias, possuem dedos compridos e esqueléticos. Sua voz sai com extrema dificuldade — e as palavras que deixa escapar nem sempre são audíveis. Sim, pois quando alguém consegue entender alguma dessas palavras, certamente que há de estar bastante perto dele.

Mesmo assim, Joaquim Cardozo ainda consegue manter certa vitalidade na fisionomia e nos gestos. Ri, às vezes, com muita jovialidade e pureza. A jovialidade dos que não perderam de todo a esperança, dos que se mantêm — do ponto de vista moral — firmes e decididos em direção à reta final; a pureza dos que nada têm a temer, pois cumpriram, com retidão, a missão que a vida lhes confiou. Quando chegamos à casa de Joaquim Cardozo, num dia da semana pré-carnavalesca, eram mais ou menos 10 e 30 horas. Sentado numa espreguiçadeira, lia um dos jornais diários da Capital. De imediato colocou o jornal de lado. Trocou algumas palavras cordiais (Cardozo é sobretudo isto: um homem cordial) com José Mário Rodrigues, que o conhece desde que fixou, há anos atrás, residência em Copacabana.

Disse que havia acabado de escrever um poema, ao qual dera o título de "Adeus Setembro". Com voz baixa — já falamos a respeito das dificuldades de sua voz —, calma e emocionada, recita o poema: "Adeus às noites que olhei desperto, / A chuva generosa que, de longe, / Chega até mim, perdido no caminho / Adeus setembro".

DOAÇÃO

Cardozo doou toda a sua biblioteca — com um acervo avaliado em, aproximadamente, oito mil volumes — à Universidade Federal de Pernambuco. "Eram quatorze estantes", diz ele. De fato, apesar de já bastante idoso, exausto e dotado de uma saúde não raro precária, Joaquim Cardozo ainda é capaz de alimentar e provar sua vasta afinidade com o ensino de nível superior. Ele próprio é um homem de cultura deveras elástica, tão à vontade numa conversa



sobre as preciosidades da poesia japonesa, ou chinesa — e ele costuma traduzir a ambas —, quanto numa discussão sobre relevantes problemas matemáticos.

"Adeus às lágrimas de mãos geladas, / As dores que chegaram para sempre, / A mim mesmo chegaram e se perderam / Adeus setembro", continua o poeta. Que recebe, no início de nossa conversa, um exemplar — de assinante — da revista José, dirigida pelo seu amigo Gastão de Holanda. Folheando a revista, Cardozo encontra uma referência a Antônio Houaiss. Lembramos-lhe a tradução que Houaiss fez do Ulisses, ele riu, concordando com a cabeça, mas preferiu falar do monumental dicionário publicado sob a orientação de Houaiss.

BRASÍLIA

Diz qualquer coisa a propósito de Augusto de Campos, mas logo em seguida a conversa deriva para um outro tema muito querido seu: Brasília. Joaquim Cardozo, um dos maiores calculadores brasileiros, teve parte ativa na construção da Capital do País. E gosta de relembra Brasília. Diz, por exemplo, que o cálculo da belíssima Catedral de Brasília foi o trabalho mais difícil que lhe passou pelas mãos. O poeta e calculador Joaquim Cardozo relembra também seus grandes amigos Oscar Niemeyer — com quem sempre está em contato — e Lucio Costa. Salienta a vasta importância da obra do primeiro, acrescentando que, antes de tudo, "Niemeyer é um grande brasileiro".

"Adeus lembranças de outros tempos meus, / Vislumbres do que foi antigamente, / Luzes, luzindo pelo céu, serenas / Adeus setembro". Diz que conheceu Juscelino no tempo em que o ex-presidente era prefeito de Belo Horizonte. "Na realidade", afirma Cardozo, "Juscelino fez uma carreira política admirável". Quando fala do ex-presidente, o poeta deixa transparecer não apenas admiração pelo político mas também uma certa gratidão pelo ser sensível que, ao tomar as rédeas do Poder, não esqueceu nunca os artistas: poetas, romancistas, músicos, pintores, arquitetos...

"As chuvas e as nuvens que inda ouço agora / Dos violoncelos que escuto também / De onde vem, de onde vem, não sei, não sei / Adeus setembro". Conversamos sobre João Cabral de Melo Neto. Joaquim Cardozo disse: "Admiro demais a João Cabral, trata-se de um inovador da maior importância".

"Como um vôo encantando as outras asas / Um voar sobre a música das teclas / Como um vôo sobre um mundo arquitetônico / Adeus setembro". A certa altura da conversa, mostra-nos um dicionário chinês-inglês. Diz, em seguida, ter feito há pouco tempo tradução — para o português — de um grande poeta chinês. Elogia os poetas chineses e japoneses, sobretudo uma poetisa japonesa cujo nome, pronunciado por Cardozo, soa de maneira imperceptível.

"Morrer é dormir entre as notas altas, / Agudas e sonoras de bem perto / Nas mãos de um pianista harmonioso / Adeus setembro". Mallarmé é o poeta estrangeiro que Joaquim Cardozo mais admira: "Um gênio estranho, exótico, responsável por uma vasta parcela das influências que nortearam a poesia contemporânea". Mas ele não esquece Baudelaire: "Um poeta excepcional".

"Vários mares longamente viajei / Conduzindo os traços das alvarengas / Enquanto as ondas já são mares soltos / Adeus setembro". Fala a respeito da morte trágica de Frederico Garcia Lorca: "Lorca era uma espécie de santo, um homem muito bom e comunicativo. Não merecia a morte que teve, mesmo porque era incapaz de fazer mal a quem quer que fosse".

A PAZ — "O vínculo que faz da humanidade um conjunto é muito frágil; creio mesmo que não dá para se considerar a humanidade um conjunto de seres humanos; acho que cada um desses seres, é, ele mesmo, não apenas um elemento, mas o conjunto constituído de um só elemento. Quem quiser saber como isto se explica basta ler a demonstração de Zarembka, notável lógico polonês. Assim sendo a paz pertence a cada um e há muitos que até não a possuem, nem mesmo a paz em que devemos morrer.

A POESIA — "Hoje penso que a poesia, no seu mais alto sentido, está, como primitivamente, ligada a uma mitologia e o seu mistério. No momento atual essa mitologia é a própria Ciência atual, mitologia que, como as outras anteriores — do mundo grego, romano, hindu, etc. — deixou o campo dos sentidos humanos, e penetrou no campo de uma imaginação possível. Basta lembrar que no tempo em que Philip Frank escreveu *Decadência da Física Mecanicista* era comum dizer-se: 'A verdade está na mística de uma equação diferencial'. Ou então diziam: 'Basta dizer a palavra átomo para que ela apareça'. Falo da poesia no seu mais alto sentido e não no sentido mais geral que obedece à especulação de Etlenne Sorria, que a considera internamente liberta da Linguística, da Filosofia e da Ciência".

A AMIZADE — "Considero meus amigos todos os poetas e editores que editam os meus livros, e ainda os críticos literários que aos meus versos dedicaram artigos, e ainda os tradutores que traduziram poemas meus, como também os diretores de cena que montaram peças minhas. Individualmente, porém, os meus melhores amigos foram, e ainda são, mul-

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

Desaparece com Renato Carneiro Campos um desses espíritos extremamente raros que valem pela força exclusiva de si mesmos: não pela imagem no mais das vezes ilusória com que, à base dos estratagemas forjados pelo espelho benéfico dos amigos, se apresentam refletidos diante de nós. Renato, para os que o conheceram, era mais do que um homem brilhante: porque não era no brilho que residia o fascínio de sua personalidade, porém na mina inexaurível de suas preocupações intelectuais e espirituais, animadas todas por um clima de familiaridade de quem não habitava um mundo estranho ao que pensava e ao que sentia. Renato existia. E por exclusivamente existir — num sentido não estritamente existencialista — é que não lhe faltava e contagiante inquietação de quem, vivendo, imprimia às suas predileções de ordem intelectual ou espiritual o mesmo gosto que jogava nos demais ocupações e desocupações de sua existência.

Renato tinha estilo. Mas seu estilo não começava a partir de sua pena. Antes era a própria energia, que nele era mais do que um revestimento adquirido, que tomava conta da trama de sua linguagem. Por essa razão sua linguagem de escritor soava menos como literatura do que como expressão indomável de um temperamento basicamente original. Sua conversação, rica de citações e de reminiscências literárias das mais profundas e variadas, confundia-se, por isso, para um observador menos superficial, com os assuntos mais corriqueiros — como se todos os temas fossem peças de um mesmo xadrez — sem jamais cair na gravidade falsa dos que só se agigantam diante das coisas que lhes são inacessíveis por natureza. A ironia lhe servia de diapasão costumeiro para o afinamento dos diversos instrumentos da sua orquestra pessoal. Jamais vi em homem algum, fora da literatura, ironia mais inesgotável, mais pródiga, mais feroz. Essa ironia, que lhe era defesa permanente contra os modicoros, haveria de constituir-se, por essa mesma razão, num

elemento motriz e dinamizador de sua estética literária. Não era, porém, uma ironia fomentadora de esterilidades: havia nela como que um caráter patético que fazia fremir as malhas do cotidiano, emprestando-lhe um registro permanentemente existencial que permite com que os fatos mais rotineiros por ele tratados ganhassem a dimensão de flagrantes eternos de momentos que passam estarecidos ante o bote certo das suas garras de escritor. De um escritor dotado como poucos no país para esse gênero aparentemente menor, que é a crônica, a que ele dava o mesmo tratamento que Chopin colocou em suas pequenas peças musicais, sem se achar na obrigação de transformá-las, por isso, em sinfonias...

Renato escrevia crônicas como Machado, por exemplo, escrevia romances. Em sua crônica não poderiam deixar de estar presentes, por tal motivo, o sociólogo, o professor, o conferencista, o ensaísta, o romancista, o analista literário. Daí uma capacidade extraordinária para criar tipos e armar situações de todos os ridículos e grandezas por ele verificados em sua sociedade. Daí a análise navalhante, aguda, exata, dos costumes observados. Daí o sopro pungente e dramático que ele sabia infundir nas palavras, transformando-as de signos socos em verdadeiros dinamos de movimento vital.

Esse homem inquieto e naturalmente enfiado do mundo, não poderia naturalmente enfiar a ninguém. Pois sua vida, assim como a sua linguagem, poderiam irritar, e até mesmo fazer sofrer a muitos, mas jamais deixaram de indicar uma personalidade cuja marca nem a morte conseguirá diminuir. A morte, sim, nos dorá dele uma imagem maior de plenitude. Mas não somente porque sua literatura ficou: sim porque, ao fazê-la, quis fazer mais do que isso; quis dar de si mesmo, como homem, um testemunho vivo que se fez linguagem. E por isso exaspera. E por isso dói. E por isso desconcerta. E por isso convence.



O sentido lerquiano do título pode enganar a muitos, pois não tem de verde, nem na linguagem nem na idade da escritora: ambas maduras. Maria do Carmo Barreto Campelo de Melo reúne neste livro toda sua produção poética até hoje; não se espere, por isso, nenhuma novidade formal ou temática, em sua produção nele reunida. Essa reunião de poemas, entretanto, tem o mérito de chamar-nos a atenção para uma poesia extremamente conceitual, aparentada com o linguajar filosófico mais do que poético. Não deixa de representar isto, por outro lado, uma forma da poetisa mostrar sua feição própria dentro dos caminhos da poesia pernambucana. "Verde Vida" é um lançamento da Editora Quiron, de São Paulo.

Liedo e a Poética de Cordel

"Classificação Popular da Literatura de Cordel" (Editora Vozes, 1975) é o que existe do mais completo no estudo do Cordel (e entenda-se por Cordel a literatura dos folhetos dos poetas populares) do ponto de vista do sentido classificatório do gênero.

Constitui-se essa obra, com efeito, num perfeito catálogo dessa literatura despreziosa que tem muito ainda a oferecer da psicologia, da sociologia e da filosofia de nosso cancionário.

Liedo Maranhão, um dos grandes pesquisadores do assunto, é um entendedor total da vida, do comportamento, das atividades dessa curiosa classe social, que é o poeta de Cordel, geralmente cantor e que pela primeira vez merece uma classificação definida para os diversos modos do seu fazer literário marginal.

Catalogando

Bonifácio Andrade

OS PENSADORES

O Grupo Abril (Editora Abril, Abril Cultural, etc.) publica textos que estão entre os melhores e outros que estão entre os piores editados no Brasil.

Além da discutível e discutida linha de Walt Disney, a Abril publicou fascículos pouco interessantes, como Conhecer, e edita revistas de foto-novelas cujas altíssimas tiragens está a exigir estudo sobre a lamentável preferência do grande número de leitores. Mas, por outro lado, publica obras que tornam aquele grupo editorial benemérito pelos serviços prestados à divulgação das ciências e das artes no País.

A Abril publica uma revista semanal, Veja, que técnica e jornalisticamente é uma das melhores do mundo. Publicou uma magnífica coleção reunindo romances dos maiores clássicos da literatura mundial o está publicando Teatro Vivo, coleção com peças de Shakespeare, Sófocles, E. Rostand, Ionesco, Molière, Maquiavel, Goeth, Ibsen, Sartre, Tchecov, Górkí, Brecht, Oswald de Andrade, e inúmeros outros mestres do teatro, algumas dessas peças antes inéditas no Brasil e todos os volumes comentados por grandes autoridades em crítica teatral ou história do teatro. Publicou a Enciclopédia Abril que, embora distante de Britânica ou da Larousse, é uma ótima obra. Está reeditando a excelente coleção de discos e fascículos sobre Música popular brasileira, editou As grandes óperas e uma outra coleção de discos e fascículos. Associada com a FUNBEC, a Abril editou Os cientistas, coleção consistindo de fascículos biográficos do cinquenta cientistas naturais, acompanhados os fascículos do material para realização de experiências e, assim, levar os estudantes a aprender Física, Química e Biologia "por experiência própria", repetindo os experimentos dos grandes cientistas. Os cursos de madurez fundamental e pré-vestibular que a Abril publica em fascículos são igualmente excelentes. Mas aqui quero chamar a atenção especialmente para um dos grandes lançamentos desse grupo editorial: a coleção Os pensadores.

Publicada em dois anos a partir de agosto de 1973, a coleção é constituída por 56 volumes. 52 deles, vendidos quinzenalmente

nas bancas de revistas (alguns desses volumes com mais de 500 páginas), reúnem textos dos que foram considerados maiores filósofos, sociólogos, economistas e outros pensadores, em todos os tempos; e os 4 outros volumes foram constituídos com a encadernação de fascículos que acompanham cada um daqueles. Há volumes com textos de um só autor, como Karl Marx, Max Weber, Kant, Platão, Descartes, Pascal, Santo Agostinho, Aristóteles, e outros; volumes reunindo trabalhos de dois autores como Auguste Comte e Émile Durkheim, Voltaire e Diderot, Adam Smith e Ricardo, Freud e Pavlov, Skinner e Piaget, etc.; ou com mais de dois autores, sendo que um dos volumes, o primeiro, intitulado Os pré-socráticos, reúne mais de dez filósofos. O número de pensadores, pois, excede em muito ao do volumes. Os fascículos, reunidos nos quatro volumes finais, narram a vida e resumem a obra de cada autor e foram redigidos por uma equipe que contou com a consultoria de consagrados pesquisadores nacionais, como Bolívar Lamounier, Carlos Estevam Martins, José Arthur Giannotti, Paul Singer e alguns mais.

Pode alguém criticar a não inclusão de um outro grande estudioso na coleção, mas uma crítica dessa, que inclusive teria de ser debatida, não negaria que a obra reúne os autores das principais contribuições para a formação da atual Filosofia e da atual Ciência do Mundo Ocidental.

As críticas que a coleção merece são relativas à seleção dos textos dos autores incluídos e quanto a aspectos com isto relacionados.

Para tomar apenas um exemplo, consideremos Max Weber. O volume 37, publicado em maio de 1974, sob o título Ensaios de Sociologia e outros escritos, reúne textos do grande sociólogo e economista alemão. E no volume é cometido um grande erro editorial. Sugere o título que foi incluída parte de um livro que Weber escreveu e intitulou "Ensaios de Sociologia". Mas esse respeitável cientista social jamais escreveu livro com título cuja tradução para o português fosse aquela. O que ocorreu, e isso é largamente sabido no Brasil, é que Hans Gerth e C. Wright Mills traduziram para o inglês significativos textos de Weber e escreveram uma "Introdução: o homem e sua obra", passando tra-

duções e introdução a constituir um volume que em 1946 foi publicado nos Estados Unidos pela Oxford University Press, sob o título From Max Weber: Essays In Sociology. Posteriormente a Zahar publicou esse importante livro no Brasil (a terceira edição brasileira é de 1974), em tradução de Waltensir Dutra, com revisão técnica de Fernando Henrique Cardoso, e sob o título Max Weber — Ensaios de Sociologia. Pois o organizador do volume 37 de Os pensadores incluiu três capítulos de From Max Weber, e que não são dos mais significativos deste livro, como se tivessem sido extraídos de livro que Weber escreveu e intitulou "Ensaios de Sociologia", e informando que foi realizada "tradução da versão inglesa (sic) por Waltensir Dutra".

Após dois capítulos do citado livro da Zahar, o organizador do volume 37 de Os pensadores incluiu o capítulo quarto de História Geral da Economia, publicado no Brasil pela Mestre Jou, o que me parece escolha adequada. Vêm depois dois capítulos de A ética protestante e o espírito do capitalismo, publicado no Brasil pela Pioneira, capítulos que não são os mais importantes desse livro. O volume termina com mais um capítulo de From Max Weber. Na primeira parte do volume é incluído Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída, texto até então inédito no Brasil, mas que, em um livro que pretenda apresentar os aspectos mais importantes do pensamento do autor, deveria ser substituído por outros, inclusive alguns incluídos no próprio livro publicado pela Zahar, como, por exemplo, o clássico estudo sobre a burocracia.

Entretanto, apesar das falhas na seleção dos textos, considero a publicação da Os pensadores uma importante contribuição para a difusão do saber no Brasil. Inclusive porque não pretendeu a obra tornar o leitor um profundo conhecedor do pensamento de cada autor ou filósofo, mas proporcionar uma visão panorâmica da evolução do pensamento Ocidental. E isto a coleção conseguiu. Com ela foi conseguido o extraordinário feito de, segundo Veja publicou na época, vender no Brasil cem mil exemplares de Platão.

Seria ótimo se a Abril lançasse uma nova edição de Os pensadores sem a luxuosa encadernação da primeira edição, em papel barato para vender a preços baixos.

Livro de Nereu Corrêa estuda prosa e poesia de C. Ricardo

Este trabalho de Nereu Corrêa resulta, em suas linhas essenciais, de uma conferência que o autor pronunciou na Academia Paulista de Letras, em 1967, a convite do escritor Ribeiro Oliveira Neto. Em "Cassiano Ricardo: O Prosador e o Poeta" existem, contudo, dois capítulos versando sobre os aspectos do estilo e da obra do prosador Cassiano Ricardo, anteriormente não abordados por Nereu Corrêa.

O autor diz que a "linguagem prosística de Cassiano Ricardo é uma das mais vivas e saborosas da literatura nacional, pelo que tem de oralidade, de ditos coloquiais na língua erudita, de gosto pessoal na seleção e no emprego das palavras, de modulações próprias na curva expressiva da frase despojada e sóbria, seivosamente brasileira". Afirma, contudo, que nem sempre está de pleno acordo com o polêmico escritor brasileiro. Todos sabem que Cassiano Ricardo empreendeu um certo esforço em busca de uma chamada língua brasileira. Para Nereu Corrêa, porém, "ninguém pode deixar de reconhecer a existência de um estilo brasileiro", mas ele reconhece que tal estilo não está nunca desligado da língua que herdamos dos nossos irmãos portugueses. Mesmo em "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa e "Macunaima", de Mário de Andrade, o autor verifica a inexistência de elementos comprovadores de uma língua genuinamente brasileira.

"Cassiano Ricardo: O Prosador e o Poeta" é uma exegese de apurado, denso conteúdo. Trata-se de mais uma inestimável contribuição ao estudo da obra desse renomado poeta brasileiro.

Um ficcionista do social

Dentre os ficcionistas pernambucanos da atual geração, Gilvan Lemos é um dos mais produtivos e dignos de crédito. Ele já publicou cinco romances e dois volumes de contos que, em geral, foram muito bem aceitos pela crítica especializada. O primeiro desses romances, Noturno sem Música, veio à luz em 1956. Editora Nordeste, Recife. Seguiram-se Jutai Menino, Edições O Cruzeiro, Rio 1968, Emissários do Diabo, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1968, A Noite dos Abraçados, Editora Globo, Porto Alegre, 1975, e Os Olhos da Treva, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1975. O primeiro volume de contos saiu através da

Editora Universitária, da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, em 1974, e o segundo, Os Que se Foram Lutando, acaba de ser publicado pela Editora Artenova, Rio.

"Os Olhos da Treva" é o registro da trajetória doida de um homem chamado Jomo, um indivíduo que, acusado de ter cometido um crime, foge de sua terra natal, retorna depois tentando provar sua inocência e, enfim, reencontrar-se consigo próprio. A história, movimentada e apasionante, "é também um amplo painel das condições sociais de um dado, trecho brasileiro" (Mário da Silva Brito).

Joel Pontes: sobre Anchieta, uma tese para Livre Docência

— O teatro é, para Anchieta, uma ação encantatória e didática ao mesmo tempo, efetivada sobre um público novo, desconhecido pelos dramaturgos de então, e daí ter merecido um tratamento que pode surpreender ao gosto moderno. Chamam-no de ingênuo e talvez fosse o contrário: demasiado sábio, embora literariamente desambicioso. Sábio, no sentido de conhecer bem a relação espetáculo-espectador, que nem sempre inclui a literatura. De tratar seu reduzido manancial pensando no momento (e não na eternidade a que a literatura sempre aspira) e no índio, não em um espectador abstrato, intemporal.

Este trecho faz parte da tese para Livre Docência apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, sobre o **Teatro de Anchieta**, pelo Professor Joel Pontes, aprovada com a nota máxima e distinção. A Mesa Julgadora estava composta pelos Professores Soares Amora, da Universidade de São Paulo; Hélio Simões, da Universidade Federal da Bahia; Leodegário Azevedo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e José Brasileiro Vilanova e Gabriela Martins, ambos da Universidade Federal de Pernambuco.



Estas são as 9 originalidades da tese do escritor Joel Pontes, reconhecidas pela Comissão Julgadora e que resultaram no louvor com que foi distinguido o autor:

- 1) servir-se de uma bibliografia mais atualizada do que a dos ensaios anteriores (Leodegário de Azevedo Filho, Frêches, Nemésio, Luciana Stegagno-Picchio).
- 2) tratar o assunto do ponto de vista do espetáculo e não só do literário.
- 3) ter desenvolvido a análise dos textos sem repetir os antecessores.
- 4) ter estudado os autos em grupos linguísticos.
- 5) ter criado a teoria das poesias encenáveis.
- 6) ter levantado a hipótese de que o Auto Dia da Assunção, quando levaram sua imagem a Reritiba se compõe de 2 partes apresentando três argumentos como justificativa.
- 7) ter levantado a hipótese de Anchieta ser autor ou co-autor do auto sobre São Sebastião assistido por Fernão Cardim.
- 8) ter sugerido retorno ao Brasil do códice Opp. NN. 24, contendo a obra literária de Anchieta, que se encontra no Arquivo Romano da Companhia de Jesus.
- 9) ter apresentado argumento novo sobre a participação possível do P. Manuel do Couto no Auto de São Lourenço como encenador.

O PÚBLICO — Reforçando esse aspecto da originalidade dos espectadores, já na **Proposição**, Joel Pontes ressalta que “não seria grande risco afirmar, em vista da poesia lírica deixada, que o Padre Anchieta criou seu mundo dramático em função daquilo que a sua experiência julgava ser o índio. Talvez pudéssemos hoje dizer: daquilo que lhe parecia a psicologia do índio. Ora, tal público inexistia para qualquer dramaturgo porventura escolhido por modelo. Não era na literatura européia, mas na vida americana que o teatro do Pe. Anchieta se inseria. Cobia-lhe, portanto, além de se aproveitar do que fosse possível, adaptar e até criar uma linguagem teatral (em seus múltiplos sentidos) eficiente em relação aos espectadores, e não aos leitores, tanto que avulta o caráter circunstancial das suas peças, como se não deveriam existir passado o momento dos espetáculos”.

Em **Tratamento & Presença ou Final**, Joel Pontes revela que “do mesmo modo foi Anchieta um dos dramaturgos primazes em relação ao aproveitamento cênico da música, da dança, do canto — pondo poesia sua — da caracterização com seus produtos de pintura, adornos, armas e indumentária. Não seria demasiado pensarmos que os índios pintassem cenários, sob a sua orientação no caso do palácio imperial romano, ou da morada de Santa Isabel, ou mesmo sem ela em outros casos. Se não isto, ao menos usassem instrumentos de trabalhos e objetos domésticos em cena como, decerto, faziam-se acompanhar nas cantigas com os instrumentos musicais nativos”.

ESMAGAMENTO — Já em **Sombra e Luz da Idade Média**, Pontes procura demonstrar que “um dos mitos principais do teatro de Anchieta, para mim o principal, é o do esmagamento do Diabo, se tomarmos a palavra mito na concepção de Raphael Patai esposada por Robert Graves no livro que escreveram juntos He-

brew Myths: “Os mitos são histórias dramáticas”, repete o primeiro em seu “O Mito e o Homem Moderno”, e prossegue: “que constituem um instrumento sagrado, quer autorizando a continuação de instituições, costumes, ritos e crenças antigas na área em que são comuns, quer aproveitando alterações”.

Mais adiante, afirma que “o mito do esmagamento é tão importante que, de um modo ou de outro, aparece em todo o teatro anchietano, através de figuras míticas representativas do Bem (Anjo, Santos, Jesus) e do Mal (os diversos Diabos, os imperadores romanos) podendo assumir formas variantes, como a expulsão por agressão, mas nunca se afastando muito do Cordeiro que esmaga com os pés o jovem leão, a víbora e o dragão referidos no ritual católico do exorcismo”.

No entanto, justifica que “o universo de Anchieta é sombrio por haver sido inculcada em sua formação, predominantemente medieval, a noção de que o interesse pela vida terrena prejudica o homem por fazê-lo desprezar a Salvação. Assim interpreta a culpa de Adão a alegoria Vitória, no auto homônino, e desde então abriu-se esta perspectiva derrotista —

404 — quedó el humano sentido inclinado a todo mal, envuelto en el terrenal dejando puesto en olvido el gozo y bien celestial, —

que permaneceu até mesmo depois da passagem de Cristo pela terra. No auto está que o homem é grande amigo do mal e, por todo o teatro, os diabos se jactam de fartas conquistas de almas nas partes do Brasil. O mundo é falso, traidor, diz Pero Dias a Cristo, que nada contesta”.

PERSÓNAGENS — Outro capítulo muito forte da tese do Professor Joel Pontes é o que se refere aos **Personagens**, no **Teatro de Anchieta**. Um dos aspectos

mais abordados neste capítulo diz respeito ao riso dos cristãos, para fazer uma análise comparativa entre os personagens de Anchieta. Começa fazendo um estudo do riso como defeito da natureza humana: “Ernest Robert Curtius, em **Literatura Européia e Idade Média Latina** mostra a flutuação do pensamento da Igreja em face do riso e do humor. Relaciona Santos que, tomando Cristo como espelho, não riam. Mostra São João Crisóstomo a ensinar que Cristo jamais riu mas, também, Pedro Cantor a discutir o assunto e lhe por dúvida, após citar o **Livro de Judith**, XVI: “Parece que, havendo uma causa íntima (existia nele), uma alegria boa, que pôde externar no ato do riso, sobretudo por ter assumido todos os nossos defeitos, exceto a culpa; tanto mais que o risível ou a risibilidade é uma característica do homem, dada pela Natureza. Como, então, não poderia servir-se dele? Terá, talvez, podido, mas não se lê que dele se tenha servido”.

E prossegue: “Com efeito, Anchieta não podia ignorar os preconceitos contra o riso. Por menos informações que tenhamos sobre suas leituras, somos tentados a pensar que conhecia um livro tão familiar aos jesuítas do Brasil que o nomeavam abreviadamente **Vita Christi**. Este mesmo título Anchieta pôs em poema seu”.

“Nosso apóstolo do Brasil, porém — informa Pontes — era dotado de “muita alegria de coração, como Gil Vicente e, do mesmo modo, tinha força cômica a comunicar conhecendo como podia capitalizá-la para seus fins religiosos. Filiou-se à linha de Santo Antão, São Felipe Néri e, caso não tenha sido ele mesmo risonho, não se furtou de fazer rir, não só no teatro como na poesia, e se o que insinuava aos demais era em tudo conforme a santidade de sua missão, como é indiscutível, está visto que não encontrava em Cristo aquela seriedade grave que Cartusiano propagava”.

Quem falar em reformulação dos seculares regulamentos adotados pela Federação Pernambucana de Futebol (FPF) corre o risco de ouvir impropérios de toda sorte. Nem o diabo aguenta.

É que o regulamento do Campeonato Estadual de Futebol data, ninguém sabe de que década, e os dirigentes daquela mentora sequer atentam para o fato de que nenhuma legislação é perene, estante. Toda norma é passível de reformulação, revogação, até, posto que as situações se modificam à medida que a sociedade humana evolui em todos os setores de atividade.

Mas nos bastidores da FPF, é uma temeridade falar-se em modificações. Está tudo bom, certinho como "beijo de bode". "Se em 1960 estava certo, por que agora, em 1977, não está também?" — indagam os "gênios" do futebol pernambucano. Há, por exemplo, o campeonato de aspirantes, previsto no Regulamento da FPF, o qual continua por imposição legal, mas que já caiu de moda, de há muito. O torcedor está saturado, não suporta mais essas bobagens.

E pior é que, somente às vésperas de cada Campeonato, aparecem os curiosos falando em mudar regulamentos, mas terminam por ceder aos caprichos do sr. Rubem Moreira. "Tudo está em seu lugar. Prá que mudar? — indaga, em tom de plágio, o alto dirigente da FPF, gozando da ineficiência dos representantes dos principais clubes do futebol pernambucano. E, no final, tudo permanece nos seus devidos lugares. Tudo certinho. Prá que xiar?



Lourinaldo: empirismo pode afundar o barco antes de chegar à rota

O empirismo continua prevalecendo: exatletas, sem qualquer formação científica, orientam e comandam os destinos do futebol profissional no Brasil e, o resultado aí está: a seleção brasileira, por exemplo, já sem os supercraques, sem os gênios, não passa de um simples candidato à classificação (para múltiplos, ainda uma incógnita) com vistas à Copa Mundial de 1978 na Argentina.

A observação é do Professor Lourinaldo Rodrigues, do Núcleo de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Pernambuco, que acaba de chegar da Alemanha, onde fez curso de aperfeiçoamento de dois anos na Escola de esportes de Colonia.

MESMOS VÍCIOS

Salienta o Prof. Lourinaldo, que os técnicos do futebol brasileiro, na sua maioria, alimentam os mesmos vícios e métodos de décadas passadas. Não atentam ainda para o aperfeiçoamento oriundo dos métodos científicos. Quando a maioria dos países evolui satisfatoriamente, do ponto de vista científico, o Brasil continua trabalhando na base da improvisação, que se hoje dá certo, amanhã vai tudo de água a baixo. Não existe, portanto, estabilidade. Tudo oscila.

O Prof. Lourinaldo Rodrigues tem larga experiência como preparador físico (já atuou em vários clubes, o Espírito do Recife, por exemplo), razão por que fala de cátedra, sobre esse importante setor do futebol profissional, mas respaldado, sobretudo, na sua condição de cientista da matéria. Ele não vê com bons olhos os destinos do futebol brasileiro, principalmente do nosso selecionado, a continuarem a atual estrutura e mentalidade entre os respon-

sáveis por esse setor dos nossos desportos.

Se chegamos à invejável condição de tricampeão mundial de futebol, deve-se sobremaneira tal posição ao talento individual, aos considerados gênios (neste rol figuram um Pelé, Garrincha, Tostão, Gerson, Nilton Santos, Beline, entre outros). Ocorre, porém, que não é todo dia que aparecem talentos superiores como esses e, na hora H, salva-se aquele que evoluiu cientificamente, sem os improvisos, nem o jeitinho tão característico do brasileiro.

AS ORIGENS

Mas o Prof. Lourinaldo faz questão de volver às origens do pro-



blema: tudo isso que aí está, a estrutura atual dos desportos brasileiros, está calcada, sedimentada em deficiências não menos significantes. Praticamente inexistente a educação física e, por extensão, os desportos em geral, a partir dos estabelecimentos de ensino de 1.º e 2.º graus, setores onde deve começar todo um trabalho de base, de mentalização dos jovens. Figuram aí dois elementos fundamentais: são os aspectos sociais e econômicos.

A escola, que não dispõe das mínimas condições materiais, e na maior parte das vezes, humanas, recebe um alunato também deficiente quanto a aspectos sócio-econômicos, portanto, sem poder receber um condicionamento físico e praticar os diversos desportos. Logo, o material humano deveria ser trabalhado cedo, nos primeiros anos escolares, permanece inativo, e o resultado não poderia ser outro: péssima performance das nossas representações nos jogos Olímpicos e demais competições internacio-



nais de que tem o Brasil participado, no âmbito do amadorismo.

O que se extrair, então, desse material inacabado, descondicinado, para a formação de elites para os nossos desportos? Inegavelmente, trata-se de um problema muito mais sério do que parece. É estrutural, básico. E o que fazer?

É o Professor Lourinaldo Rodrigues quem oferece aberturas, dentro, naturalmente, da sua visão de cientista da matéria: temos de começar de baixo para cima, não há outro caminho, desde que se queira levar a sério esse importante setor da sociedade brasileira. E não poderá ser da noite

Futebol, a nova disciplina

Embora prevista desde o início no currículo, somente agora é que o Curso de Educação Física e Técnica de Desportos passa a incluir a disciplina Futebol, em caráter eletivo (funciona apenas como matéria básica), oferecendo ao aluno chance de se especializar nessa matéria. Tal inclusão tornou-se possível com a volta do Professor Lourinaldo Rodrigues, da Alemanha, onde fez curso de aperfeiçoamento.

O programa dessa matéria prevê uma carga de 60 horas/semestre, compreendendo as duas partes — teórica e prática. Esta última oferecerá o ensino sobre técnica dos fundamentos, em forma individual e coletiva.

A disciplina tentará implantar, ainda, uma equipe-piloto com garotos na faixa de 14 a 16 anos, selecionados entre as comunidades mais próximas ao Campus Universitário. "Com essa equipe — explica o Prof. Lourinaldo Rodrigues — tentaremos fazer com que os alunos tenham oportunidade de acompanhar toda fase de preparação e orientação de uma equipe de futebol — partes física, técnica, tática e psicológica.

A iniciativa poderá se constituir pioneira em termos de Universidade brasileira, resultando em trunfos para os desportos em geral.

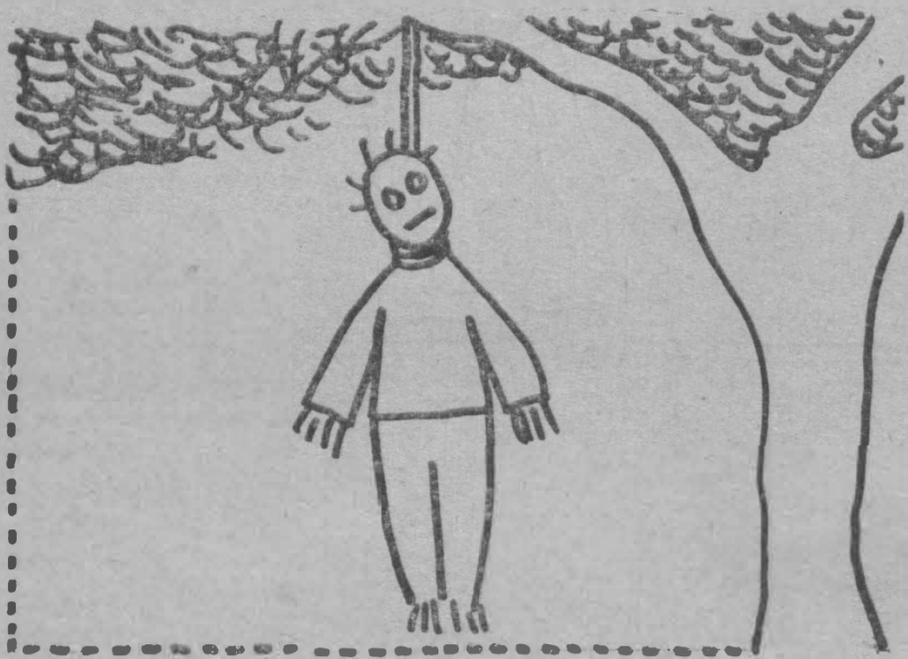


Folclore

ANGELA DELOUCHE

Nosso Folclore "resulta da criatividade de nossa gente, no amálgama mais expressivo da criação cultural. Se de um folguedo podemos dizer que tem raízes lusitanas, ou se de um conto podemos apontar nele traços africanos, o fato é que nem um nem outro é puramente lusitano ou puramente africano. Antes resultaram, o folguedo e o conto, do contato intercultural que aqui se verificou, forjando novas criações e alimentando, já agora com as marcas brasileiras, a expressão do processo transculturativo que o Brasil presenciou".

M. Diégues Júnior



O ritual da igreja católica, na interpretação popular, encheu-se de superstições ao longo dos anos. Aparecem as orações fortes, objetos profanos colocados ao lado de crucifixos, escapulários cheios de poderes, medalhas e imagens milagrosas, um número incalculável de cultos populares que nos demonstram a importância da religião na vida das comunidades. Com seu poder alician-te os costumes populares de fundo supersticioso vão deixando a sua marca na literatura oral, nas artes decorativas, na música e nas danças rituais, assim como nas comidas e nos folguedos brincados nos pátios das igrejas ou nos arrabaldes distantes.

Ao lado dos dois grandes ciclos folclóricos que são o Natal e o São João vem o período quaresmal e nele a Semana Santa. O povo tem sua forma especial de celebrar as comemorações da paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. A imagem do Senhor morto que a Igreja leva em procissão pelas ruas da cidade e após o percurso fica em exposição no templo, é supersticiosamente visitado com a troca de moedas na salva colocada nos pés da imagem. É também importante levar um ramo de alecrim, de manjerição ou de qualquer flor que tenha estado no andor. O Domingo de Ramos que inicia a Semana Santa, e assim chamado pelos ramos bentos na igreja em comemoração à entrada de Jesus em Jerusalém,

tem particular importância. Se houver trovoadas ou perigos de raios só há um modo de aplacá-los: queimar os ramos recebidos no Domingo de Ramos.

O Jejum e a Abstinência

A Igreja Católica anteriormente muito rigorosa no tocante ao jejum e à abstinência, determinando excessivos preceitos que foram assimilados pelo povo, é agora desobedecida e até mesmo criticada por ter reduzido os dias de abstinência e de jejum. Certo que a pretexto de privações de carne muita ceia abundante e almoços com farta variedade de peixes e crustáceos são servidos, nas classes

abastadas, em franca contradição com o espírito do período quaresmal. As mulheres das classes pobres saem pedindo jejum nas casas das pessoas ricas. As donas de casa, também como um certo dever espiritual, não deixam de atender os pedidos de jejum, oferecendo peixes, bacalhaus, côcos e verduras. Esse é um costume muito difundido no Nordeste, sobretudo nas cidades do Interior. Os pedidos são feitos logo nas segundas e terças-feiras, porque o povo jejua os três dias sagrados: quarta-feira de trevas, quinta-feira santa e a sexta-feira do Senhor Morto. Os pedidos de comidas são para os almoços a

partir de uma hora da tarde, quando o jejum já excedeu os seus limites.

As Promessas

Entre as promessas mais difundidas entre o povo temos a de acompanhar a procissão do Senhor Morto descalço. Ora, convenhamos, que o sacrifício seria o de andar com os borzeguins apertados e incômodos em pés que passam o dia todo e todo o dia no chão. Mas há também as mulheres simples, residentes nos bairros afastados, algumas que trabalham fora, e que vivem calçadas. Então acompanhar a procissão descalço é sacrifício, mas, ao mesmo tempo, confere sta-

tus ao seu praticante, e é com certo orgulho pois será motivo de elogios entre as comadres. Outra promessa, agora menos frequente, é a de se por de luto durante a sexta-feira Santa e acompanhar a procissão com roupa preta. As mulheres de vestido preto, os homens, com qualquer calça, mas a camisa tem que ser preta.

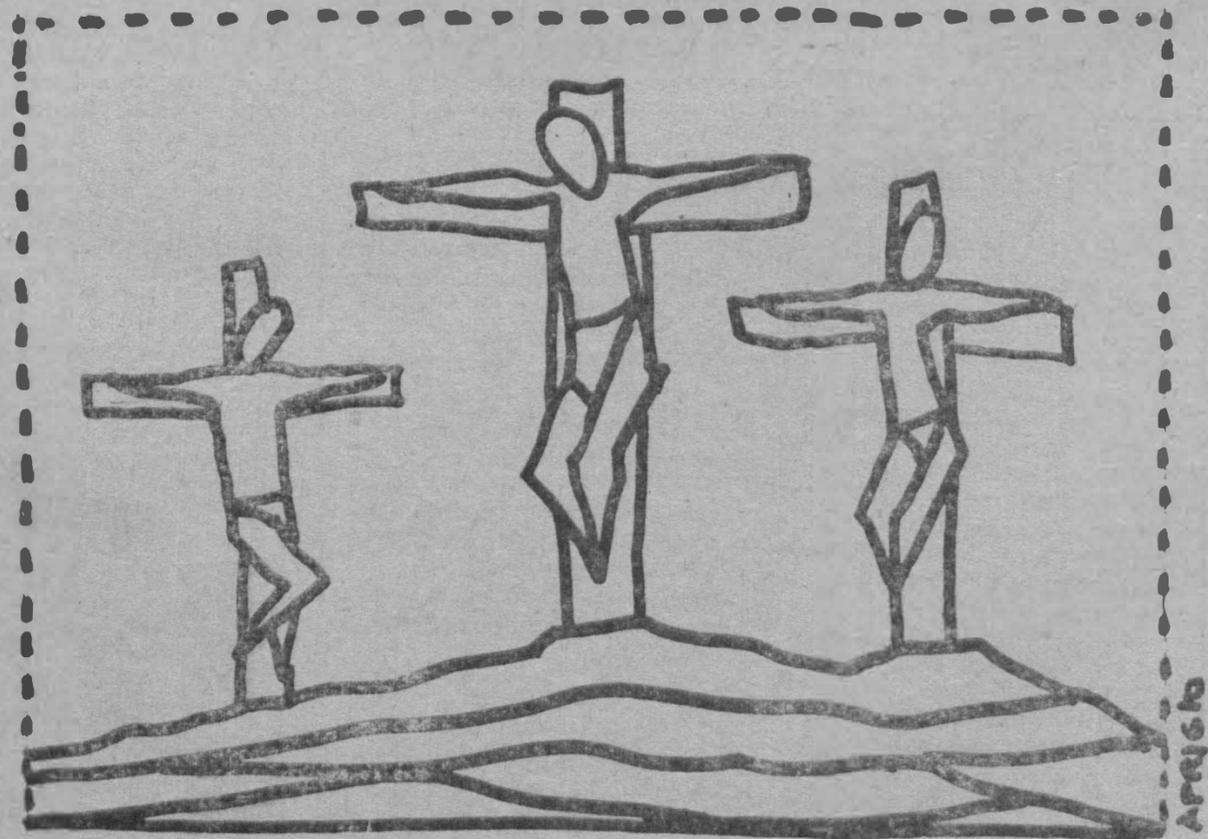
O Judas da Sexta-feira Santa

O mau apóstolo sempre recebeu do povo total desaprovação. Daí os derivados, judiar e judiação ou mesmo o epíteto de Judas dado a qualquer traidor.

Como personificação das forças do mal, o bo-

neco de palha enforcado e queimado na noite da sexta-feira Santa, tem raízes muito longínquas, segundo Câmara Cascudo, que relaciona com os cultos agrários a queima do Judas. O fogo, símbolo do sol, tem uso universal, segundo Frazer, queimava-se um boneco que representava o deus da vegetação. Com a introdução do catolicismo muito costume antigo se transfere na dinâmica da transformação de que nos fala M. Diégues Júnior: "É evidente que uma cultura não pode sobreviver se não se renova; e em particular cada uma de suas expressões deve sentir, em suas manifestações, esta renovação". É o que vem acontecendo com o Judas da Quaresma, queimado no alvorecer do sábado de Aleluia, tradição popularíssima na península ibérica e que encontrou campo fértil por estes brasis a fora. Contudo esta manifestação folclórica vem rareando cada vez mais e quando é realizada tem características novas com a supressão do testamento, ficando este a cargo de qualquer gaio-to, na hora, no improviso fácil e inteligente de que o povo é dotado.

Outra prática também em decadência é a do "serra-velho" pela repulsa que encontra ao contrário da "malhação" do Judas içado em alguma árvore, que não é um ato devoto, mas um folguedo que atrai a molecada e adultos. Estes fazem dos judas a encarnação de figuras enchedidas que gostariam de poder "malhar" realmente.



Transferências



Continuam os boatos acerca da transferência de gente do elenco da Globo para o da Tupi, e vice-versa. No troca-troca, ambas as emissoras poderão sair ganhando alguma coisa. É bem possível que as perdas sejam mínimas, mesmo porque a televisão brasileira não pode perder mais do que anda perdendo. A lista é extensa e variada, senão vejamos: os atores João Paulo Adour, Ana Maria Magalhães e Sandra Barsotti (esta desmentiu há pouco tempo); os diretores de novela Roberto Talma e Jardel Melo; o supervisor de produção Nilton Cupello — todos da Rede Globo, estão arrumando suas malas rumo à Rede Tupi de Televisão.

Lugar ao Sol

Mas a Tupi não parou aí. Além dos acima citados, também



José Itamar de Freitas, diretor de jornalismo do indefectível **Fantástico**, foi sondado — e tudo indica que não aceitou. Também agredido com uma milionária proposta foi Maurício Sherman, diretor geral do mesmo **Fantástico**. Garantiu que ia estudar a tal proposta — 150.000 cruzeiros, dizem os boatos.

E quem mais? Talvez a famosa dupla José Wilker-Renée de Vielmond, brigada com a Globo por causa da ridícula novela **Anjo Mau**. Quais as razões principais para esse súbito êxodo? Por acaso o mercado artístico da televisão estaria sofrendo profundas alterações?

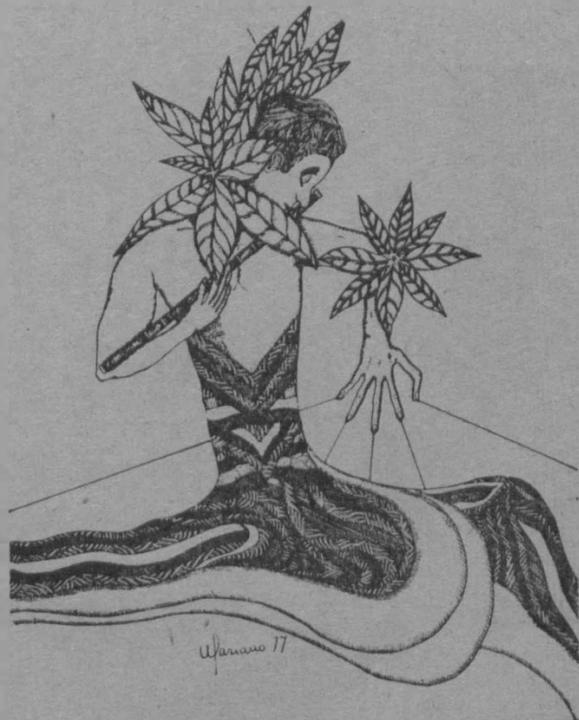
A Globo garante que não. A própria emissora recebeu a notícia da onda de transferência com um frio comunicado: "Não entramos em leilão. Quem quiser pode ir". Aliás, no caso da saída de Roberto Talma e Jardel Melo, os diretores de novela, a emissora agiu com prudência, encarando-a com absoluta naturalidade. Afinal de contas, mesmo sendo responsáveis pela maioria dos capítulos das novelas a que estão ligados, eles não passavam de eternos co-diretores, meros ajudantes dos estelares Walter Avancini e Daniel Filho. Nos últimos tempos, porém, Avancini e Daniel Filho dirigem apenas o início de cada história. Portanto, os dois injustiçados diretores estariam apenas em busca de um lugar ao sol.

Contratando Os Trapalhões

E a Globo, a quem contrata? Por enquanto, apenas toda a equipe de comediantes de **Os Trapalhões** — um programa que, na Rede Tupi, arrebatava enormes índices de audiência. Pode ser que o mesmo não ocorra em relação à Globo, mas um saldo positivo já adveio da transferência: o programa começa a ganhar em termos de qualidade. O que não deixa de resultar num fato promissor — pois não deve ser tarefa fácil transformar Renato Aragão e seus cupinchas em artistas do riso.

José Carlos Targino

Vendo a flauta mágica



A muito bem-sucedida tentativa de transportar para o cinema a maravilhosa ópera de Mozart — um inefável patrimônio da humanidade — tem levado os analistas da sétima arte a contarem altos pontos em favor da invulgar iniciativa de Ingmar Bergman. O cineasta escandinavo disse, certa vez, que sempre experimentou inusitada fascinação pela ópera do mestre austríaco, e quando aponta as câmeras para o auditório — focalizando rostos das mais variadas nações e culturas — quer não apenas convencer a si próprio das características universais da obra, mas também convencer àqueles que, maravilhados, tiveram o bom gosto de comprar um ingresso e compartilhar de sua experiência.

É necessário bom gosto para verificar o que Bergman fez da **Flauta Mágica**. Bom gosto e capacidade de discernimento. E quando eu digo "capacidade de discernimento" quero, obviamente, aludir àquelas pessoas que não foram ver o filme porque ouviram através de outras (que provavelmente têm pouca ou nenhuma capacidade de discernimento), que o trabalho do diretor resulta, enfim, numa ópera, e não numa obra cinematográfica. Tais pessoas têm horror a óperas — o que é um direito que lhes assiste — mas confundir uma primorosa realização do cinema com este extravagante gênero musical, é demais.

Bergman é, acima de qualquer outra coisa, um autor de filmes. Assim, não é de bom tom dizer que ele realizou uma ópera, pois o que fez foi uma peça filmica. Evidentemente, o mestre austríaco — morto há 185 anos — foi o responsável direto pela história e música que, na tela cinematográfica, deliciarão os espectadores. Por seu lado, Bergman dirigiu os atores, observou as reações

do público e levou o fotógrafo Nikwist a proporcionar uma impressionante fotografia.

Alegria contagiante, beleza feérica nas imagens e profundo sentido de humanidade — eis os ingredientes básicos da inesquecível obra de Mozart/Bergman.

A ópera mozartiana resultou de um libreto em alemão produzido por um poetaastro infame e um hábil diretor de teatro que aproveitaram um belo conto de fadas para fazer uma opereta alegre, dotando-a de elementos capazes de comover a um público de maçons. Os musicólogos acreditam que Mozart fez dela a mais rica de todas as suas obras. E muitos ficam surpreendidos com o fato de Mozart ter transformado as incoerências grosseiras do libreto numa síntese de todos os possíveis estilos musicais. É normal, assim, que nela os musicólogos vejam influências que procedem diretamente de Gluck, ou de Haydn.

Pois a **Flauta Mágica**-ópera é tudo isso: ópera séria do tipo italiano (lembrem-se das cenas da Rainha da Noite); comédia musical popular (lembrem-se das cenas do Papageno); grandiloquente tragédia filosófica e manifesto da sabedoria maçônica (lembrem-se das cenas de Sarastro); e (lembrem-se das cenas de Tamino e Pamina) um drama sentimental alemão no mais alto estilo clássico.

No misterioso **Conto dos Homens Arneados** pode ser detectado o fato de Mozart ter ouvido, pouco antes, os solenes, melancólicos motetos de Bach.

Por acaso Ingmar Bergman foi infiel a Mozart? Creio que não; mas, por via das dúvidas, bendita infidelidade.

Revendo no Tempo das Diligências

Para os cultores do legítimo cinema, John Ford é um nome mágico. E a magia suprema de Ford é **No Tempo das Diligências** (Stagecoach), que ele realizou em 1939, aproveitando, pela primeira vez, a bela e inóspita paisagem de Monument Valley, Utah. **No Tempo das Diligências** é o pai de todos os westerns. Não exatamente o maior de todos — se bem que seja um dos maiores — mas essencialmente aquele que lançou as sólidas bases necessárias, como se provou depois, à confecção de algumas maravilhas do gênero.

Uma diligência vai para a cidadezinha de Longsburg, no Texas, levando nove pessoas. Duas dessas pessoas — o pistoleiro Ringo Kid (John Wayne) e a prostituta Dallas (Claire Trevor) — são uma mostra significativa da importância que Ford conferia aos nobres sen-

timentos humanos. Comparados aos outros passageiros — a mulher de um capitão do exército, o médico beberrão, o pastor incrédulo, um jogador elegante mas hipócrita, um banqueiro, um delegado e o cocheiro — eles são, para o sistema, nada mais que párias. Menos para Ford. Pois o mestre tinha o dom de descobrir, em tais criaturas, virtudes insuspetadas.

Mas há muitas outras relevâncias em **No Tempo das Diligências**. Por exemplo: a antológica sequência em que os apaches de Gerônimo atacam a diligência, que durante muitos anos serviu de modelo para outros tantos ataques de índios. E também a sequência do duelo em Longsburg, tão eficiente quanto uma outra que o mesmo Ford dirigiu nove anos depois, a do Curral OK, no filme **Paixão dos Fortes**.

Estação Ecológica: onde a Natureza sorri livremente



Há hoje em todo o mundo uma verdadeira guerra pela conservação da Natureza. Os governos se preocupam em instalar nas grandes cidades o que se convencionou chamar "área verde", enquanto os promotores da corrida imobiliária, numa ânsia pantagruélica devoram todos os recantos para implantar edifícios, residências, monstros de pedra e cal. O problema assume tais proporções que o Ministério de Educação e Cultura já começa a estudar a possibilidade de incluir no currículo escolar dos três níveis a disciplina Ecologia. O assunto, aliás, já havia sido, inclusive, tratado por este jornal no editorial "Amar a Natureza", no n.º 5, quando analisou a importância do "Manifesto Ecológico Brasileiro", publicado pela Editora Lançamento Ltda., de Porto Alegre.

Em Pernambuco, a criação da Estação Ecológica de Tapacurá, que recebe a orientação do Professor Vasconcelos Sobrinho, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, tem recebido os maiores elogios dos especialistas na matéria. Além de conservar a flora e a fauna, a Estação serve ainda de laboratório para o estudo de pesquisadores brasileiros e europeus

O guarda faz um gesto agressivo de "quem vai impedir a entrada. Sorri, porém, quando percebe o carro com a chapa branca e o motorista fardado da UFPE. Com um aceno

acanhado porém simpático faz uma saudação, enquanto o carro passa por perto da estátua de Curupira, simbolicamente protegendo a caça da Estação Ecológica de Tapacurá.



Quase imediatamente se descortina uma paisagem tão bela quanto estranha, espécie de recanto europeu enervado em terras pernambucanas: imensa vastidão de água circundada por terras verdejantes e quase como uma ilha, perdidos num oceano, dois prédios velhos, um deles já sem teto, sem portas e sem janelas, medievalmente misterioso.

Os dois prédios marcaram várias gerações de estudantes pernambucanos. O primeiro, imitação de castelos ingleses, abrigou durante muito tempo os estudantes oriundos de todas as partes do Nordeste e do Interior do Estado: trata-se do antigo Colégio Agrícola de Tapera. Alguns dos seus ex-alunos mais famosos são: Apolônio Sales, Manoel Rodrigues e Vasconcelos Sobrinho.

No pátio do colégio — diz o professor Juvino — ainda existe uma árvore que foi plantada pelo engenheiro Apolônio Sales.

O segundo prédio, mais conservado e com arcos de palácio suíço, todo branco com telhado marrom e algumas trepadeiras, é a antiga capela do colégio. Nela os estudantes não apenas passaram alguns instantes de sua vida como, alguns, batizaram-se e casaram-se. Ambos, colégio e capela, foram definitivamente fechados em 1971 e não têm mais condições de funcionar por causa da construção da barragem de Tapacurá durante o Governo do ministro Eraldo Gueiros Leite.

O carro não precisa de muito tempo para chegar à casa onde funciona a parte burocrática da Estação. José Elias, o administrador, é quem aparece primeiro: olhos negros, estatura mediana, roupa simples, cuidadoso nas palavras, educado.

— O menino Tira uns cocos aí para servir aos rapazes — É a sua primeira ordem, enquanto informa que o Professor Juvino saiu de barco para dar algumas ordens de serviço, mas que estará de volta logo. Questão de minutos. Enquanto é preciso esperar, algumas cadeiras são espalhadas no alpendre.

— Como vai a caça aqui?

Ri levemente e respondeu imediatamente:

— Aqui é até proibido falar em caça. De forma alguma. Já houve muita. Muitas espécies foram devoradas. Havla de tudo: veado, macaco, dizem que onça e outras feras. Acabaram. Foram tantos tiros que acabaram. Agora, não. Agora é proibido.

Faz uma pausa e explica depois que não foi fácil impedir a caça. Somente em janeiro de 1975 foi que começou, rigorosamente, a proibição da caça nas matas de Tapacurá, ou seja, na área de 400 hectares que compreendem toda a extensão das terras da Estação Ecológica. Quatro vigias foram espalhados pelos lugares mais estratégicos, com ordens de impedir que qualquer pessoa ingresse naquela área. Não foi um trabalho fácil, porém. Sucederam-se as intrigas, as brigas, as confusões. Os caçadores não queriam se conformar, discutiam com os guardas, os mais simplórios ameaçavam até mandado de segurança. Uma série de contra-tempos foi surgindo. Mas a direção da Estação não estava disposta a recuar um só centímetro. Pouco a pouco a situação foi se tornando normal. Hoje, não se escuta um único tiro no local.

— Estou aqui fazendo, tranquilamente, o levantamento dos ninhos dos pássaros em toda a Estação. — Quem afirma é o estudan-

te Fortunato Florentino de Araújo, concluinte do Curso de Ciências Biológicas, na Universidade Federal de Pernambuco e que se encontra na Estação há cerca de 40 dias.

Todos os dias, Fortunato, que é natural da cidade pernambucana de Jurema, saía para o campo e só retorna ao meio-dia para o almoço. Depois de um breve repouso de uns poucos minutos retorna ao campo, onde permanece até o anoitecer. Enquanto for preciso ele permanecerá na Estação, pelo menos até o meio do ano quando concluirá o seu curso na Universidade. E se for preciso, mesmo depois continuará os seus trabalhos e pesquisas.

Fortunato não é o único a desenvolver estudos na Estação Ecológica de Tapacurá. Entre 12 de outubro de 1976 a 13 de janeiro de 1977, a pesquisadora inglesa Miranda Steverson, da Universidade de Glasgow, desenvolveu estudos sobre o comportamento dos sagüis. Na sua ficha de trabalhos consta que uma fêmea de sagüi tem um ou dois filhotes em cada cinco meses. Esse animal alimenta-se de resina de cajá, caju, pau pombo, pinhão do mato, etc. Também com frutas.

Justamente para tornar possível todos esses estudos, que a direção da Estação Ecológica de Tapacurá tem tido muito cuidado em conservar todas as espécies de exemplares da fauna e da flora. Nada menos que 50 mil pés de pau-brasil estão sendo plantados em toda a Estação e as ordens são para que sejam conservados da melhor forma possível e com a maior atenção.

Outras plantas que são conservadas são pau de santo, pau d'arco, coração de negro e suruagy, esta última com um crescimen-

to muito rápido. Para melhor apreciar o crescimento da suruagy, sua plantação desenvolveu-se em quatro etapas: a primeira, começando no dia 6 de outubro de 1976; a 2a., no dia 8 do mesmo mês; a 3a., no dia 11, e a última, no dia 13. O replantio das árvores é feito normalmente no começo do inverno.

— No entanto, — explica José Elias, — no comando administrativo dos 58 homens que compõem o quadro da Estação, sempre que é necessário fazemos o replantio a qualquer época do ano, com o cuidado natural de proteger as plantas e a conservação do maior número de espécies para o desenvolvimento de estudos.

LABORATORIO

Atualmente, está sendo construído o laboratório da Estação. Embora sejam muitas as dificuldades, o professor Juvino acredita que ele estará pronto dentro de pouco tempo. Como as verbas são cada vez menores, e as dificuldades maiores, a direção da Estação teve que improvisar até mesmo os pedreiros. Grande parte do pessoal de campo foi convocado para o trabalho. E para que os trabalhos não sejam interrompidos, o Professor Vasconcelos Sobrinho, às vezes, tem colocado dinheiro do seu próprio bolso.

— Tenho certeza de que até março estaremos com o laboratório inteiramente construído. Até lá continuaremos requisitando homens do campo que são transformados em pedreiros e muitos deles com tamanha habilidade que chegam a surpreender.

Quem afirma é o Professor Juvino, completando: — Esse amor pelo trabalho é o que recompensa o nosso esforço.